

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF**

ARTHUR MARCÍLIO

**INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DO JUDÔ NOS ASPECTOS COMPORTAMENTAIS E
SOCIAIS EM CRIANÇAS DE 8 A 13 ANOS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

**FLORIANÓPOLIS, SC
2018**

ARTHUR MARCÍLIO

**INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DO JUDÔ NOS ASPECTOS COMPORTAMENTAIS E
SOCIAIS EM CRIANÇAS DE 8 A 13 ANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Disciplina DEF 5875 - Seminário de Conclusão de Curso
II do Curso de Educação Física da Universidade Federal
de Santa Catarina - UFSC, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Daniele Detanico

**FLORIANÓPOLIS
2018**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O Trabalho de Conclusão de Curso: Influência da prática do judô nos aspectos
comportamentais e sociais em crianças de 8 a 13 anos

Elaborado por: Arthur Marcílio

Orientado pela Prof^ª. Dr^ª. Daniele Detanico

Foi aprovado por todos os membros da banca examinadora.

Florianópolis, 22 de junho de 2018.

Banca examinadora:

Daniele Detanico

Prof^ª. Dr^ª. Daniele Detanico
Orientadora - CDS/UFSC

Carolina Fernandes da Silva

Prof^ª. Dr^ª. Carolina Fernandes da Silva
Membro titular - CDS/UFSC

Jorge Nelson da Silva Junior

Prof. Jorge Nelson da Silva Junior
Membro titular - CDS/UFSC

Rafael Lima Kons

Prof. Me. Rafael Lima Kons
Membro Suplente

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, tanto por momentos bons quanto pelos momentos ruins, pois tudo se leva como aprendizado na vida. Agradecer também a minha família, pois a família sempre deve estar em primeiro lugar na vida das pessoas, sem o apoio deles não teria conseguido chegar até aqui. E, agradecer especialmente a Profa. Dra. Daniele Detanico, que aceitou ser a orientadora do projeto, no qual agregou maior conhecimento, uma das pessoas que eu tive o prazer imenso de conhecer e trabalhar junto ao longo da minha graduação. E por fim, obrigado aos professores e amigos, os que agiram diretamente e indiretamente, nesta longa caminhada que valeu muito apenas cada segundo.

RESUMO

INFLUÊNCIA DA PRÁTICA DO JUDÔ NOS ASPECTOS COMPORTAMENTAIS E SOCIAIS EM CRIANÇAS DE 8 A 13 ANOS

Autor: Arthur Marcílio

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Detanico

A agressividade e a violência vêm influenciando no amadurecimento do aluno cada vez com maior força na sociedade em que vivemos, podendo vir a resultar em outros problemas na vida dos mesmos, como ansiedade, vergonha e dificuldade na socialização. Com a prática do judô pode-se pensar que tais problemas sociais podem vir a ser reduzidos, podendo auxiliar as crianças no controle de suas emoções, fazendo o uso dos seus princípios e filosofias. Essa pesquisa teve como objetivo investigar a influência da prática do judô nos aspectos comportamentais e sociais na vida das crianças de 8 a 13 anos. Para isso, foi realizada uma pesquisa em uma escola estadual de rede pública na cidade de Florianópolis. Participaram da pesquisa 27 crianças de 8 a 13 anos de idade, sendo 9 praticantes da disciplina extracurricular de judô e 18 não praticantes. Inicialmente foi realizada uma observação sistemática não participante das aulas de judô a fim de identificar aspectos de estruturação e organização nas aulas para crianças. Em seguida foi aplicada uma entrevista estruturada com as crianças para identificar o conhecimento teórico do judô, e por fim, foi aplicada uma entrevista para identificar os aspectos sociais e comportamentais das crianças, que praticam e das que não praticam o judô. Para análise dos dados foi utilizada estatística descritiva a partir do resultado da observação e da entrevista. Os dados foram analisados por meio de frequência simples e utilizadas medidas de média e desvio-padrão. Os principais resultados mostraram que considerando a observação das aulas, alguns aspectos filosóficos do judô foram trabalhados durante as aulas, seja em forma de saudação ou conversas com os alunos. A maioria dos alunos tinha algum conhecimento histórico sobre o judô (criador, local de criação e significado). Por fim, verificou-se que as crianças que praticam judô parecem utilizar do seu conhecimento específico da modalidade para lidar com situações adversas do seu dia-a-dia, enquanto as crianças que não praticam judô parecem agir por impulsão e fazer o uso de agressão verbal e física em algumas situações do cotidiano. Esses resultados apontam para algumas diferenças de atitudes entre crianças que praticam e não praticam judô, principalmente relacionada ao controle da agressividade, solidariedade (com colegas e professores) e cooperação (ajuda mútua).

Palavras-chave: Agressividade, violência, socialização, escola.

ABSTRACT

INFLUENCE OF JUDO'S PRACTICE ON BEHAVIORAL AND SOCIAL ASPECTS IN CHILDREN AGED 8 TO 13 YEARS

Author: Arthur Marcílio

Advisor: Profa. Dr. Daniele Detanico

Aggressiveness and violence have been influenced by the growing maturity of fear in the society in which we live, and may result in other problems in their lives, such as anxiety, shame and difficulty in socialization. With the practice of judo, one can be able to help the children to become involved, making use of its principles and philosophies. This research aimed to investigate the influence of practice on behavioral and social work in the life of children aged 8 to 13 years. For this, a research was carried out in a state school of public network in the city of Florianópolis. A total of 27 children aged 8 to 13 years participated in the study, of whom 9 were extracurricular judges and 18 non-practitioners. In the data was already in the didactic systematics non did the didies of judou is the end of human format, and organizations in class for children. From an interview with the children to identify the theoretical and practical knowledge, an interview was applied to make the social and behavioral subjects of the children, which were practiced and were not practiced in judo. The descriptive statistics of the observation and interview results were used to analyze the data. The data were analyzed by means of simple frequency and used measures of average and standard deviation. The main results showed that considering the observation of the classes, some philosophical aspects of judo were worked during the classes, either in the form of greeting or conversations with the students. Most of the students had some historical knowledge about judo (creator, place of creation and meaning). Finally, it was found that children who practice judo seem to use their specific knowledge of the modality to deal with adverse situations of their daily lives, while children who do not practice judo appear to act by impulsion and make use of aggression verbal and physical in some everyday situations. These results point to some differences in attitudes between children who practice and do not practice judo, mainly related to the control of aggression, solidarity (with colleagues and teachers) and cooperation (mutual aid).

Key words: Aggression, violence, socialization, school.

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1 | JUSTIFICATIVA | 2 |
| 1.2 | OBJETIVOS | 3 |
| 1.2.1 | <i>Objetivo geral</i> | 3 |
| 1.2.2 | <i>Objetivos específicos</i> | 3 |
| 2 | REVISÃO BIBLIOGRÁFICA | 4 |
| 2.1 | Origem do judô | 4 |
| 2.2 | Bases religiosas e filosóficas | 5 |
| 2.3 | Princípios e máximas do judô | 7 |
| 2.4 | Objetivos do judô | 8 |
| 2.5 | Graduações de faixa no judô | 10 |
| 2.6 | Métodos e estilos de ensino: processo de aprendizagem nos esportes e nas lutas | 11 |
| 2.7 | Processo de iniciação esportiva | 16 |
| 2.8 | Agressividade e suas relações com esportes de luta | 18 |
| 3 | MÉTODO | 21 |
| 3.1 | Caracterização da pesquisa | 21 |
| 3.2 | Participantes da pesquisa | 21 |
| 3.3 | Procedimentos e instrumentos de medida | 21 |
| 3.4 | Coleta de dados | 22 |
| 3.5 | Análise dos dados | 23 |
| 4 | RESULTADOS | 24 |
| 4.1 | Observação das aulas de judô | 24 |
| 4.2 | Conhecimento do judô | 28 |
| 4.3 | Entrevista sobre os aspectos sociais e comportamentais | 30 |
| 5 | DISCUSSÃO | 37 |
| 5.1 | Observação das aulas de judô | 37 |
| 5.2 | Conhecimentos do judô | 41 |
| 5.3 | Aspectos sociais e comportamentais | 44 |
| 6 | CONCLUSÕES | 50 |
| 7 | REFERÊNCIAS | 52 |
| 8 | APÊNDICE 1 | 55 |
| 8.1 | FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA | 55 |
| 8.2 | APÊNDICE 2 | 56 |
| 8.2.1 | <i>Entrevista</i> | 56 |
| 8.2.2 | <i>Dados de identificação</i> | 56 |

1 INTRODUÇÃO

Desde o primeiro ano de escolarização as brigas e as discussões têm surgido entre as crianças, tanto no pátio da escola como dentro da sala de aula, expressadas por meio de atitudes desrespeitosas com colegas e professores (OLIVIER, 2000). Diante desse cenário, alunos no ambiente escolar têm mostrado dificuldades de convívio social, de cooperação, apresentando níveis elevados de ansiedade e agressividade (COSTA, 2004). Ansiedade pode ser definida como um estado vindo do emocional que tem como componente mais importante a apreensão e o receio (COSTA, 2004 apud ROSAMILHA, 1971). Devido a tais sentimentos podemos encontrar um pouco de dificuldade na socialização dos alunos, onde os mesmos podem sentir receio de interagir com o outro por falta de coragem, vergonha ou até mesmo medo do retorno que pode vir a receber. Sabendo que o judô foi criado quando começou a percepção de que as pessoas não queriam mais aprender uma arte guerreira, advindo da nova cultura em que o Japão estava inserido. Jigoro Kano então decidiu criar seu próprio sistema, um esporte que proporcionava uma nova filosofia, que lhes conferisse uma melhor harmonia entre o corpo e o espírito, e que pudesse integrar os povos com um objetivo maior (SANTOS, 2014). Então, tendo em vista esse contexto histórico e cultural, foram observadas e analisadas seis aulas de judô, a fim de interpretar se os objetivos verdadeiros da luta criada por Jigoro Kano estavam sendo aplicados.

A prática de esportes, em especial as artes marciais, pode atuar de maneira positiva no comportamento social na escola. O judô, por sua vez foi criado em bases teóricas e filosóficas, com uma crença baseada no respeito mútuo, onde o aluno deve aprender que sem o adversário, que também é seu colega, não tem como se aperfeiçoar (KANO, 2008). Além disso, segundo Santos (2014), com a prática do judô o aluno deve ser ensinado ao máximo a utilizar a energia mental e física. Esse princípio não é visto como proveitoso apenas na prática da arte marcial, mais sim em todas as situações e circunstâncias da vida, porém, a autora enfatiza a necessidade de transmitir o conhecimento do judô, tendo como base seus aspectos educacionais e filosóficos, uma vez que em muitos locais o objetivo é baseado apenas em fins competitivos.

Outro aspecto que pode ser importante no comportamento social menos agressivo diz respeito a alguns rituais realizados durante as aulas de judô, como a saudação entre os colegas (antes e depois de cada atividade), entre o aluno e o professor e com o mestre maior (Jigoro Kano). De acordo com Olivier (2000), rituais fazem com que o aluno se acostume a lidar com

as regras impostas e levem aquilo também para fora das aulas. Alencar et al. (2015) enfatizam ainda que em nenhum momento o judô (luta) promove a violência, pois a violência está presente na sociedade como um todo. Assim, o judô pode ser usado como um meio de enfrentamento da violência e brigas na escola. Segundo Olivier (2000, p. 10):

Toda a riqueza das relações de oposição e de cooperação que se propõe aqui explorar, oferecendo à criança, ao contrário da briga de pátio, a possibilidade de confrontar-se com o outro em um contexto que considere suas motivações, suas possibilidades é nossa preocupação educativa.

Diante desses aspectos, a prática do judô pode trazer muitos benefícios no amadurecimento do aluno e muitas reflexões podem vir a ser feitas através dos conteúdos teóricos e filosóficos que o judô traz. Praticar judô considerando os princípios deixados por Kano nas escolas ou em diferentes contextos pode auxiliar as crianças no controle das suas emoções, como a agressividade, ansiedade e sociabilidade, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Baseado nesses apontamentos formulou-se como problemas de pesquisa: como a prática do judô pode influenciar nos aspectos comportamentais e sociais em crianças de 8 a 13 anos? Existem diferenças nesses comportamentos entre crianças que praticam e que não praticam judô?

1.1 JUSTIFICATIVA

Este estudo pretende contribuir para quem deseja trabalhar com judô nas escolas, para os pais que pensam introduzir a prática do judô na vida de seus filhos e para o público em geral, mostrando a importância da prática do judô para o desenvolvimento geral das crianças. Atualmente um grande problema enfrentando nas escolas é a violência presente entre os alunos cotidianamente. Diante disso, será investigada a influência da prática do judô nos aspectos comportamentais e sociais dos alunos que praticam e dos que não praticam judô na escola, e então procurar avaliar a diferença de comportamento entre eles. Também serão investigados os conteúdos ensinados pelos professores de judô, evidenciando se, e, como são passados os fundamentos históricos e filosóficos da arte marcial para seus alunos.

Acredita-se que em muitos locais de prática hoje, a filosofia do judô está sendo deixada de lado, sendo priorizado apenas os fins competitivos, fazendo com que os princípios filosóficos que trazem os ensinamentos mais importantes para as crianças como respeito e disciplina sejam ignorados (SANTOS, 2006). Isso pode ser evidenciado em estudo conduzido por Silva e Santos (2005), que analisaram professores faixas-preta de judô e

verificaram que a prática do judô em sua maioria é direcionada à competição, sendo esquecidos os pressupostos teóricos que são fundamentais na formação de judocas cidadãos, tanto dentro quanto fora do tatame.

Com o judô o aluno pode aprender a refletir antes de cometer alguma atitude agressiva contra o colega, pois machucar o colega pode ser tão ruim quanto ser machucado. Essas atitudes de respeito ao colega vão ao encontro da segunda máxima do judô, que significa “prosperidade e benefícios mútuos” (SANTOS, 2014). Esse estudo pode contribuir para os *senseis* (professores), assim como estudantes e professores de Educação Física que buscam no ensino-aprendizagem do judô uma ferramenta para uma formação integral, do ponto de vista físico, moral e espiritual, como preconizava Jigoro Kano (CASADO; VILLAMON, 2009).

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Investigar a influência da prática do judô nos aspectos comportamentais e sociais em crianças de 8 a 13 anos.

1.2.2 Objetivos específicos

- Identificar aspectos de estruturação e organização nas aulas de judô para crianças.
- Identificar os métodos e estilos de ensino utilizados pelos professores durante as aulas.
- Verificar se e como os aspectos filosóficos do judô são inseridos nas atividades das aulas.
- Identificar e comparar aspectos sociais e comportamentais de crianças que praticam judô a pelo menos um ano e crianças que não praticam.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Origem do judô

Para entendermos mais sobre o surgimento do judô vamos relembrar um pouco sobre a sua história. Em 1853, quando os norte-americanos chegaram ao Japão, obrigaram os japoneses a sair do seu regime feudal. Dominado pelos samurais em nome do imperador, que regia o país a mais de 700 anos. Isso aconteceu para que o Japão entrasse no mercado mundial junto aos outros países, fazendo com que a era dos samurais chegasse ao fim. Em 1860, na mesma época dessa transição, nasce Jigoro Kano. Em 1869 a mãe de Jigoro Kano morre então Kano se muda de cidade e passa a estudar em uma escola onde na maioria das vezes era tratado com descaso. Santos (2014) faz uma citação de Kano (2008), onde afirma que nessa época, Jigoro Kano começa a se interessar pela arte do Ju-Jutsu. Começou a procurar por um mestre que pudesse o ensinar tal arte, porém não obteve muito sucesso. Depois de muita procura, entra para a escola “Coração de Salgueiro”. Em 1879 seu mestre morreu, e Kano herdou todos os seus arquivos. Passou a ser orientado por outro mestre, que também logo veio a falecer, então novamente sem mestre, começou a estudar com muita ênfase todos os arquivos de leitura que possuía. Percebendo que as pessoas não queriam mais aprender uma arte guerreira, advindo da nova cultura em que o Japão estava inserido, decidiu criar seu próprio sistema, um esporte que proporcionava uma nova filosofia, que lhes conferisse uma melhor harmonia entre o corpo e o espírito, e que pudesse integrar os povos com um objetivo maior (SANTOS, 2014 apud MAÇANEIRO, 2012).

Em 1882, com 22 anos, Jigoro Kano instala seu primeiro dojô¹, elaborando o novo método que educa o físico e forma caráter baseado no Ju-Jutsu. (SANTOS, 2014 apud MAÇANEIRO, 2012). Kano fez uma análise das melhores técnicas, selecionou os golpes mais eficazes e mais racionais, eliminou as práticas perigosas e aperfeiçoou a maneira de cair, criou uma vestimenta especial (*judogui*), pois o antigo traje provocava ferimentos (SANTOS, 2014).

O ju-jutsu se baseava em uma prática guerreira com intuito da leveza do corpo e do espírito, Kano então pensou em outro nome, pois o fundamento era totalmente diferente, baseado na utilização racional da energia humana, o Judô (SANTOS, 2014). A partir daí a

¹ Dojô: Local de prática do judô.

prática do judô começa a crescer e se expandir por todo território mundial, e entre 1920 e 1930 devido a imigração Japonesa, a prática chega ao Brasil (NUNES, 2016).

2.2 Bases religiosas e filosóficas

Tudo se iniciou no Japão com a elite guerreira dos samurais, os mesmos se distinguiam pelas armas e armaduras que usavam. Porém, parte do equipamento era psicológico e moral. Os samurais seguiam um código fielmente chamado de Bushido, cujo significado literário era “caminho do guerreiro”. O Bushido era um código de honra dos samurais não-escrito que eles levavam para o seu modo de vida para que o guerreiro vivesse com honra e morresse com honra (INSTITUTO NITEN, 2004 apud SANTOS, 2014). O Bushido foi influenciado por uma combinação de aspectos que fazem parte da cultura japonesa, sendo assim, seguiu um conjunto de preceitos do Budismo, Xintoísmo, Confucionismo e do Taoísmo. Estudando tais preceitos que foi sendo criados vários tipos de artes marciais, seus subsídios auxiliaram no entendimento da cultura oriental, e conseqüentemente nos ensinamentos de Jigoro Kano.

Santos (2014) explica, segundo conhecimentos de Adalberto (2005) em seu livro, o significado de todos os preceitos. O Budismo nasceu no século VI a.C. na Índia com o príncipe Sidarta Gautama, mais conhecido como Buda. Buda vivia luxuosamente dentro do seu palácio até conhecer a realidade fora dele. Meditou e encontrou a verdade, descobriu que o importante é o equilíbrio e morreu aos 80 anos. O Budismo é sincretista, pois Buda não é visto como um Deus, também é considerado uma filosofia de vida. Buda acreditava que o ser humano consegue compreender a verdade integral da vida quando muda radicalmente sua forma de ver o mundo, assim ele torna-se espiritualmente consciente, porém tem que compreender e realizar as quatro nobres verdades, que estão vinculadas ao sofrimento humano, as quais são: a- A nobre verdade do sofrimento (todo sofrimento e toda felicidade está na própria mente), b- a nobre verdade da causa do sofrimento (muitos fatores geram o sofrimento, como a ignorância, o desejo, o apego, a cobiça, etc.), c- a nobre verdade da extinção da causa do sofrimento (só se consegue extinguir o sofrimento quando desaparece a ignorância, desejo, apego, cobiça, ódio, ilusão), d- a nobre verdade da renda que leva a extinção do sofrimento (1. Palavra correta: pensar antes de falar, 2. Ação correta: todos os atos são resultados do pensamento e filosofia de vida, 3. Meio de vida correto: a sobrevivência deve ser efetuada por meios lícitos, 4. Reto esforço: se esforçar, ser persistente e determinado, 5. Reta atenção: sempre atento as atenções, 6. Reto concentração, 7. Reto

compreensão: saber interpretar todas as coisas de forma coerente, 8. Reto pensamento: todos os pensamentos baseados na renúncia do desapego). Então para aplicar as oito verdades segundo os preceitos de Buda deve-se eliminar todos os pensamentos negativos através da meditação.

Já o Xintoísmo, segundo Santos (2014), baseando-se no estudo de Hoffmann (2007), é uma única religião exclusivamente japonesa e praticada apenas no Japão, só foi aceito no século XI e é denominada como via dos deuses. Não reconhece divindades, mas acredita que existem Kami's, seres divinos que se hospedam em tudo que existe. Tudo no universo e divino, o ser humano não pode viver em luta com a natureza. O Xintoísmo segue três princípios, o Musubi: força misteriosa que estabelece uma relação entre o homem e os Kami, o Makoto: humildade e agradecimento de um ser humano ao encontrar-se com os Kami e o Tsunagari: continuidade e relatividade. O Xintoísmo também cultiva algumas virtudes como a honra, fidelidade, obediência aos superiores, respeito à hierarquia, o sucesso nos estudos da vida, autocontrole, o não prejuízo do próprio grupo e a sociedade.

O Taoísmo, novamente de acordo com o estudo de Santos (2014), surgiu na China no século II e tem como princípio evitar todo tipo de obrigação, viver da maneira mais simples possível, espontânea e meditativa voltada a natureza. As bases do Taoísmo estão apresentadas em conceitos fundamentais, 1. Contemplação a natureza, 2. Não agir: pensar antes de tomar qualquer atitude, 3. Suavidade: mais eficiente que a força, 4. Humildade: Lao Tsé aconselhava imitar a água, que sempre flui por locais mais baixos, 5. Generosidade: dando sempre sem esperar nada em troca e o último 6. Não a violência, quanto maior a coerência maior o equilíbrio.

E no último preceito, o Confucionismo é uma doutrina do pensador chinês Kung Fou Tseu que mescla a filosofia, ideologia, política, sociedade e religiosidade. É uma mescla de cultos religiosos da China que apresenta para as pessoas como elas devem se comportar espiritualmente. Auxilia na difusão do moral e da virtude onde se baseia no cavalheiro que tem como felicidade a família e uma sociedade harmônica. A doutrina do Confúcio se resume em: toda sabedoria consiste em aperfeiçoar a si mesmo e amar aos outros como a si mesmo. Somente aquele que respeita o próximo é capaz de desempenhar seus deveres sociais, para Confúcio, é por meio da educação que o indivíduo se transforma e se salva (SANTOS, 2014).

Então relacionando tais preceitos com o Judô e com os conhecimentos de Jigoro Kano, podemos relacionar da seguinte maneira: o Budismo pode-se dizer que está incluído dentro do judô quando Jigoro Kano afirmava que o Judô era uma forma de educação, que a

sua prática era o desenvolvimento da vontade e da moral, bem como autodomínio e autoconhecimento. Já o Xintoísmo está relacionado com o judô na questão hierárquica, fidelidade ao mestre, desenvolvimento do autocontrole, perseverança e a solidariedade. O judô foi baseado no Taoísmo de acordo com o exemplo de generosidade, a humildade e a suavidade. E por último o Confucionismo é citado por Jigoro Kano como a forma de educação e a formação de um cidadão, ou seja, um Judoca. (SANTOS, 2014). Podemos ver que Jigoro Kano se baseou em muitas filosofias para a criação da prática de uma das artes marciais mais praticadas no mundo, como muitos estudos filosóficos e teóricos para que a fundamentação teórica da prática saísse perfeita, sempre preservando o fazer o bem e o bem-estar de todas as pessoas.

2.3 Princípios e máximas do judô

Jigoro Kano criou duas máximas e nove princípios importantes que os alunos devem ter conhecimento nas aulas para conseguir levá-los para seu dia a dia. As máximas são chamadas de *Seiryoku Zenyo* (máxima eficácia com menor uso de energia) e *Jita Kyoie* (prosperidade e benefícios mútuos), em seguida vemos os princípios, que são, conforme o Quadro 1:

Quadro 1. Nove princípios que compõe o espírito do judô (SANTOS, 2005).

| |
|--|
| 1. Conhecer-se é dominar-se e dominar-se é triunfar; |
| 2. Quem teme perder já está vencido; |
| 3. Somente se aproxima da perfeição quem procura com constância, sabedoria e, sobretudo, humildade; |
| 4. Quando verificares que nada sabes, terás feito teu primeiro progresso na aprendizagem; |
| 5. Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário. Ao que venceste hoje, poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância; |
| 6. O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar; |
| 7. O judoca é que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu aos seus semelhantes; |
| 8. Saber cada dia um pouco mais, utilizando o saber para o bem, este é o caminho do verdadeiro judoca; |
| 9. Praticar o judô é educar a mente a pensar com velocidade e exatidão, bem como |

educar o corpo a obedecer com justeza. O corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência.

Com o conhecimento da existência de tais princípios descritos acima, notamos que o judô vai além de um estilo de arte marcial, é um estilo de luta que tem uma filosofia a ser seguido que não tem como único e objetivo final vencer o adversário ou uma simples prática mecânica e sistemática de movimentos, tendo como objetivo contribuir para o desenvolvimento do praticante e fazer com que ele contribua com o próximo dentro da sociedade em que está inserido.

2.4 Objetivos do judô

O judô como vimos anteriormente nos trás diversos aprendizados que temos o dever de lembrá-los e usá-los no tatame quando praticamos a arte marcial. Porém, como analisamos anteriormente essa prática não é só passada para o aluno com intuito de utilizá-la apenas dentro do dojô, e sim, vai, além disso, devemos tentar levar esses ensinamentos para a vida, construindo caráter e espiritualidade.

Algumas das finalidades que o judô pode apresentar segundo o estudo de Gondim 2012 é a perspectiva educacional (escolas), competitiva (clubes, academias, associações), saúde (para melhorar a aptidão física), reabilitação (idosos e crianças), prática mental e filosófica, projetos sociais (massificação do judô preconizado por Kano), universidades (currículo acadêmico) e esporte adaptado a deficientes (cegos e portadores de síndrome de Down).

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) afirma que o judô é um dos esportes mais aconselháveis desde a fase infantil até os 14 anos de idade, pois permite através do jogo e da diversão estimular aspectos para o desenvolvimento do indivíduo, como, a coordenação dos movimentos, a psicomotricidade, o equilíbrio, a expressão corporal e a percepção espacial (percepção sinestésica) se trabalhado de maneira correta. Além da capacidade didática pedagógica, o judô proporciona a prática para autistas, deficientes visuais e portadores de síndrome de Down.

As vivências práticas, além de proporcionar a imersão na dimensão procedimental, abriram campo para realizar reflexões relacionadas ao respeito das regras, assim como estimular a cordialidade e lealdade entre os alunos. Com os golpes e contragolpes o aluno

desenvolve a criatividade, a iniciativa, a tomada de decisão, a humildade e a solidariedade, desenvolvendo assim, judocas de fato (SANTOS, 2014).

Além disso, Santos (2006, p. 118) resume o que deve ser o significado de praticar judô:

Aprenda esperar no momento certo para agir, aprenda que o importante não é vencer o oponente, mas sim a si próprio, aprenda que o judô deve ser praticado como benéfico para toda a sua vida e não apenas para um período desta, aprenda a respeitar a si e aos outros, aprenda a ser solidário, aprenda a preservar tudo e todos, enfim, aprenda a ser um judoca de essência para que cada dia aprenda um pouco mais para utilizar esse saber para o bem.

Segundo Santos (2014), com a prática do judô o aluno é ensinado ao máximo a utilizar a energia mental e física da maneira mais eficaz possível, o princípio então, não é visto como proveitoso apenas na prática da arte marcial, mais sim em todas as situações e circunstâncias da vida.

Outro ensinamento que pode ser citado como objetivo do judô e um dos mais importantes de Jigoro Kano para os alunos é o uso eficiente da energia, a prosperidade e benefícios mútuos (KANO, 2008). Acredita-se que com a prática do Judô o aluno desenvolve o respeito mútuo e aprende que sem o adversário, que também é seu colega, não tem como se aperfeiçoar. Ou seja, o aluno não consegue adquirir maiores experiências de treino realizando tal prática sozinho, precisa se aperfeiçoar com a ajuda do colega, que também precisa de um companheiro para se aperfeiçoar, é um trabalho mútuo, em conjunto. Aprende também a respeitar cada momento da aula e cada pessoa presente naquela aula de judô, inclusive o professor, também chamado de “*sensei*”, que possui todo e maior conhecimento na aula, com objetivo de expandir aquele respeito, além daquela prática, e levá-lo para outro lugar que o aluno permanecerá presente.

O respeito e a disciplina, segundo Santos (2014), são primordiais para o aprendizado e treinamento do judô. São estas conotações que devem ser passadas para os iniciantes e praticantes, ou seja, mostrar o quanto a prática racional do judô pode ser útil no dia-a-dia. Ainda, Santos (2014), afirma que, uma vez que os objetivos das aulas foram traçados, o professor deve se preocupar de como vai alcançar estes objetivos e transmitir o conhecimento aos alunos.


2.5 Graduações de faixa no judô

A evolução da aprendizagem no judô é representada pela graduação de faixas coloridas que vão de branca a vermelha. O que determina a cor da faixa são conhecimentos teóricos e práticos, que na maioria das vezes, é definido pelo próprio professor (sensei) ou pelas instituições (Federações, Ligas, etc.). Porém, existe uma sequência de cores de faixa pré-definidas pela Confederação Brasileira de Judô (CBJ), como pode ser verificado na Figura 1.

Figura 1. Sistema de graduação de faixas do judô adotado no Brasil.

Faixa preta de judo (Graduação de dan)

| | | | | |
|---|---------|-----------------|-------------------------------|------------|
|  | 1° Dan | 初段 Shodan | Faixa Preta | 黒帯 |
|  | 2° Dan | 二段 Ni-dan | Faixa Preta | 黒帯 |
|  | 3° Dan | 三段 San-dan | Faixa Preta | 黒帯 |
|  | 4° Dan | 四段 Yon-dan | Faixa Preta | 黒帯 |
|  | 5° Dan | 五段 Go-dan | Faixa Preta | 黒帯 |
|  | 6° Dan | 六段 Roku-dan | Faixa Coral Vermelha e Branca | 紅白帯 (赤) |
|  | 7° Dan | 七段 Nana-dan | Faixa Coral Vermelha e Branca | 紅白帯 (赤) |
|  | 8° Dan | 八段 Hachi-dan | Faixa Coral Vermelha e Branca | 紅白帯 (赤) |
|  | 9° Dan | 九段 Kyuu-dan | Faixa Vermelha | 紅帯 (赤) |
|  | 10° Dan | 十段 Jyu-dan | Faixa Vermelha | 紅帯 (赤) |

 Cores de faixas de judo no Brasil 

(Graduação de Kyu)

| | | | |
|---|--------|-----------------|---------------|
|  | 8° Kyu | 八級 Hakkyuu | Faixa Branca |
|  | 7° Kyu | 七級 Nana-Kyuu | Faixa Cinza |
|  | 6° Kyu | 六級 Rokkyuu | Faixa Azul |
|  | 5° Kyu | 五級 Go-Kyuu | Faixa Amarela |
|  | 4° Kyu | 四級 Yon-Kyuu | Faixa Laranja |
|  | 3° Kyu | 三級 San-Kyuu | Faixa Verde |
|  | 2° Kyu | 二級 Ni-Kyuu | Faixa Roxa |
|  | 1° Kyu | 一級 Ikkyuu | Faixa Marrom |

2.6 Métodos e estilos de ensino: processo de aprendizagem nos esportes e nas lutas

Os estilos de ensino, de acordo com Mosston (1966) em uma das citações de Gondim (2012), devem variar de acordo com o objetivo que o professor pretende alcançar e o nível de aprendizado do aluno. Segundo Costa e Nascimento (2004), para que o aluno possa participar ativamente das experiências de aprendizagem é necessário que o professor tenha conhecimento da pedagogia, dos conteúdos de jogos e dos processos de ensino/aprendizagem adequados para o determinado momento.

Peres (2001) diz que Mosston afirma que existem várias formas e métodos de ensino/aprendizagem, entre eles o comando, prático, recíproco, autocontrole, inclusão, descoberta dirigida, resolução de problemas, etc. Quando o ensino é centrado na figura do professor (sensei), ou seja, utilizado do método tradicional ou diretivo, a um padrão a ser seguido, e qualquer desvio pode ser considerado como um erro. Esse modelo consiste na imitação de gestos (analítico), demonstrados pelo professor e feito pelo aluno sem nenhuma reflexão, Costa e Nascimento (2004) defendem que as aulas de abordagem tradicionais têm como principal objetivo a técnica.

As abordagens tradicionais são bastante comuns tanto nos treinamentos quanto na realidade educacional. Dentro da abordagem tradicional podemos utilizar de métodos para trabalhar algumas atividades com os alunos, entre eles, o método parcial, global e misto. O método parcial pode render resultados consideráveis, esse método é utilizado na execução de movimentos complexos, sendo treinados em partes, que serão articuladas quando forem dominadas (WEINECK, 1999 apud COSTA; NASCIMENTO, 2004). De acordo com Mesquita (2000), citado por Costa e Nascimento (2004), no método global, a aprendizagem é encarada como a apreensão do todo, neste método, apresenta-se uma situação de jogo, onde os elementos técnicos e táticos são evidenciados, o aluno reproduz a técnica já procurando obter o resultado desejado. Já o método misto, é uma síntese do método global e parcial, neste método a técnica é aplicada de forma separada, e quando se atinge um nível adequado, executa-se o jogo por completo (ROCHEFOR, 1998 apud COSTA; NASCIMENTO, 2004).

De acordo com Freire apud Gondim (2012), no judô é comum o professor ser autoritário e ensinar através de pressão psicológica (comando de voz). Santos (2006) problematiza que a filosofia do judô acaba sendo deixada de lado e o aluno acaba fazendo por fazer, sem nenhum tipo de reflexão, e o respeito pelo professor acaba se tornando por sentimento de medo e não amizade.

A caracterização de uma aula tradicional de judô pode ser descrita como: saudação inicial – aquecimento calistênico – preparação física– Uchi-komi (tipos de treino de repetição de técnicas) – handori (sempre voltado para competições), conversa do professor geralmente voltada à análise técnica – saudação final (GONDIM, 2012).

Muitos estudos apontam para o fato de que o modelo tradicionalista de ensino do judô geralmente tem como uma de suas preocupantes consequências à especialização precoce dos pequenos judocas. Quanto a isso, Marques e Oliveira (2005) apud Gondim (2012) nos dizem que a precocidade das crianças no esporte proporciona os seguintes problemas de ordem psicológica, filosófica e social, tais como: medo constante, ansiedade, desmotivação, aumento da agressividade, perdas de peso e apetite, aumento da frequência de infecções, distúrbios de sono, alterações das atividades do sistema simpático e parassimpático e alteração do estado de humor, incluindo depressão, ansiedade e irritabilidade elevadas, queima de etapas do desenvolvimento motor, lesões, aumento de responsabilidades e diminuição do ciclo de amigos. Peres (2001) faz referência a Bouchardi et al (1990) e Corbin e Fox (1988) que a prática de atividade física é muito importante para a vida toda, e que base dessa conscientização vem da escola, por isso não devemos impor grandes responsabilidades aos alunos precocemente, para não desmotivá-los de praticar.

Quando o ensino é centrado na figura do aluno, o ensino deve proporcionar diferentes experiências motoras do aluno (SANTOS, 2014). No estilo descoberta orientada, por exemplo, o professor formula um problema e os alunos devem procurar por si só as respostas para este problema, explorando as possibilidades de movimento. No estilo solução criativa de problemas, o professor lança questões e instiga os alunos e pensarem sobre as infinitas respostas para aquele problema, tendo como ideia central incentivar os alunos a procurarem o maior número de respostas possíveis (SANTOS, 2014).

Os métodos de ensino-aprendizagem se relacionam com desenvolvimento humano, que é considerado um processo adaptativo, no qual se apresentam constantes modificações e adaptações do sujeito com o ambiente e com as tarefas. O desenvolvimento humano apresenta uma dinâmica e características multidimensionais, sendo necessário para a sua compreensão adotar uma visão sistêmica que auxilie o direcionamento dos processos de ensino aprendizagem nas diferentes fases da vida (GRECO; SILVA, 2008, p. 82).

Segundo estudos de Greco e Silva (2008), as brincadeiras e os jogos são parte da vida de crianças, independentemente de sua origem. Essas atividades são essenciais para o processo de crescimento e desenvolvimento harmonioso infantil, sejam eles motores, físicos ou psicológicos. Porém, Greco e Silva (2008) nos mostram que isso vem sendo restringido ao

passar dos anos, ou seja, as brincadeiras vêm sendo impostas como estímulos artificiais e com limites de tempos a serem seguidos, descaracterizando o que realmente é chamado de brincadeira. A redução dessas experiências leva uma redução nas possibilidades futuras na participação nos esportes. Quando as crianças jogam e brincam, também estão aprendendo, o jogo é uma forma de aprendizado incidental rica e importante na formação integral dos participantes.

O uso da ludicidade em aulas de judô também é definido por Ruffoni (2006) no estudo de Franchini e Del Vecchio (2012), quando este nos mostra que ela é inerente ao ser humano, principalmente na fase da infância, já que a criança aprende através do brincar, explorando, desconstruindo e reconstruindo o conhecimento. A ludicidade no judô é veículo para a facilitação da aprendizagem dos conteúdos judoísticos, que serão delimitados através dos objetivos determinados pelos alunos e professores (FRANCHINI; DEL VECCHIO, 2012).

Santos e Silva (2005) nos trazem a afirmação de que entre todas as artes marciais, o judô se destaca devido aos seus pressupostos filosóficos, o qual foi idealizado visando o desenvolvimento integral do participante. Mas logo problematizam que o judô atualmente está sendo muito visado para competição e seus aspectos filosóficos estão sendo deixados de lado, como foi comprovado no estudo de Santos e Fiorese (1990), onde técnicos e judocas paranaenses entrevistados tinham conhecimento da existência da filosofia do judô, porém, não tinham conhecimento de sua aplicabilidade. Um dos fatores que pode estar trazendo este resultado é a apresentação da mídia em cima do esporte, especialmente no judô que é um esporte olímpico há muitos anos, onde trás uma imagem apenas competitiva da modalidade, fazendo com que os pais pressionem seus filhos a entrarem na modalidade e sejam os melhores tecnicamente, ignorando e não conhecendo todo pressuposto teórico e passado histórico da luta. Em resultado disso, Gondim (2012) afirma que é dever do professor de judô argumentar e explicar a verdadeira fundamentação e realidade do judô como prática pedagógica, o mesmo autor nos fala que a competição precoce também pode levar o aluno/criança a ter uma série de lesões devido ao uso de movimentos repetitivos inadequados, e também diversos distúrbios psicológicos como ansiedade, depressão, normalmente por desgaste emocional, abandono da prática por fadiga e monotonia dos movimentos.

Santos (2006) ainda defende que cada gesto e movimento que está sendo realizado pelo aluno nas aulas devem ser apresentados desde os primeiros encontros com convicção do significado de cada um, contribuindo na educação e no desenvolvimento do respeito mútuo.

Deve estar claro neste estudo que a competição não está sendo descartada ou criticada dentro da prática do esporte e principalmente dentro da modalidade do judô, mas sim problematizada como conteúdo para crianças em fase de iniciação e desenvolvimento pedagógico. Nesse sentido, a competição deve ser trabalhada de maneira atrativa e divertida sempre respeitando os pressupostos filosóficos da luta e não fazendo com que o aluno tenha alguns distúrbios psicológicos como nos traz Gondim (2012) na informação anterior.

Gondim (2012, p. 6) faz a seguinte citação:

Como educadores de judô devemos organizar e sistematizar racionalmente a forma de repassar o conteúdo para os pequenos judocas, atendendo sempre para cumprimento dos mais diversos objetivos, e não visando apenas a competição (VILLAMÕES, 1999; OLIVIER, 2000; RUFFONI, 2006; RODRIGUEZ, 2006).

Por outro lado, a competição não deve ser deixada de ser passada para os alunos já que ela está imposta no mundo atual, porém deve ser trabalhada cuidadosamente com crianças para não as tornar adultos desacreditados. De acordo com essa afirmação podemos defender a citação de Franchini e Del Vecchio (2012) que afirma que a competição não deve ser excluída do aprendizado das crianças, porém deve ser adaptada, diferenciando as regras das competições adultas. Entre algumas delas é a arbitragem não punitiva e medalha de participação para todos.

Como também defende Galatti et al. (2016) onde afirma que o treinador deve ensinar e transmitir os conceitos do esporte de competição para o homem futuro, não apenas ao atleta presente, aquele homem que vai interagir, partilhar e participar da sociedade. Para isto, o esporte deve ser um formador integral da personalidade, mas ser um incorporador de atitudes e não apenas um fazer simplesmente mecânico. Galatti et al. (2016) defende a afirmação de Paes (1997) de que a competição no momento de iniciação não é um problema, pois é comum a criança desejar competir, tendo em vista que muitas vezes é o atleta profissional que compete, que motiva a criança a entrar para o esporte. O problema está na forma como esta competição é feita e quais os objetivos de quem a propõe, como acontece no desporto que é feito pelos adultos, o problema não está na competição e sim nos adultos que a organizam, estabelecendo normas e regras que valorizam somente os vencedores.

No Brasil, de acordo com Gondim (2012), existe melhoria crescente na produção científica (monografia, artigos e livros), porém a formação em educação física ainda é considerada por alguns dos que trabalham com o judô como pouco importante na formação dos senseis, o que representa um grande equívoco, pois o conhecimento pertinente ao judô vai

muito além do adquirido na vida competitiva. Gondim (2012) ainda afirma que o conhecimento do ex atleta, que passa a trabalhar com o judô, é muitas vezes relacionado apenas a vertente tecnicista do mesmo, pois o treinamento deste indivíduo foi sempre direcionado a finalidade competitiva.

Franchini e Del Vecchio (2012) defendem que a aula de judô deve permitir a contribuição integral dos alunos a partir do movimento, de acordo com conhecimentos de Watson (2011) e Kano (2008) o maior objetivo e finalidade do judô é a educação do aluno. Santos (2014) coloca a questão do ensinar no seu livro – Judô: buscando o caminho suave - referindo-se a utilizar estilos de ensino criativos que tragam motivação a prática do aluno, contribuindo com as necessidades da criança para o seu desenvolvimento integral.

Freitas (2004) apud Franchini e Vecchio (2012) afirma que uma das explicações da grande rotatividade dos alunos em academias de judô é o método de ensino, onde a maioria dos professores está preocupada com a evolução técnica do praticante. Para a criança, geralmente isso é algo chato, monótono e fatigante como citado anteriormente. O autor apoia o fato de que as aulas de judô para crianças devem ser motivadoras, que faça com que elas sintam prazer em praticar a modalidade.

Mesquita (1994) pesquisou em sua dissertação de mestrado a incidência autoritária existente na prática do judô, utilizada pelos professores. De acordo com a mesma foram encontrados dados que apontam para a existência destas práticas, tais como: conhecimento desvirtuado do que é respeito hierárquico, prática de rituais efetuados de forma mecanizada e sem nenhuma reflexão por parte dos alunos (cumprimento a Jigoro Kano, ao dojô, ao sensei, a todo o momento sem contextualização e conscientização do gesto), relação vertical entre professor e aluno (falta de diálogo), princípios filosóficos colocados na prática de modo místico e não educacionais, descontextualizando o verdadeiro judô.

Grosso (2000) afirma em uma citação de Gondim (2012) que se o professor de judô refletisse sobre seu jeito de ensinar, suas aulas seriam sempre melhores e mais interessantes, e também afirma que a ludicidade é algo que pode ser usado em qualquer aula. Se a iniciação a arte marcial não for bem trabalhada, desenvolvendo o ser humano sem potencial global, jamais serão formados judocas verdadeiros, sendo eles atletas ou não (SANTOS, 2014).

O esporte de luta, de acordo com Olivier (2000), utiliza uma grande diversidade de uniformes, de regras e de instrumentos. Isso é muito bom para a criança em desenvolvimento, pois desde cedo aprende a lidar com as regras e com as diversidades que a sociedade impõe ao cidadão. Olivier (2000) afirma que deve ser tomado um cuidado quando o professor coloca os

alunos para lutar entre eles, que as crianças devem sentir prazer em realizar a atividade e não a sensação de estar sendo explorados. Ainda dentro desta colocação também informa que vale lembrar que o educador terá uma tarefa fundamental de manter intacta a alegria das crianças em confrontar-se, desprezando qualquer sensação de desprazer durante as aulas. O cerimonial de saudação antes e depois da luta de judô reforça bem o reconhecimento do adversário como um indivíduo que deve ser respeitado.

2.7 Processo de iniciação esportiva

Segundo Valentini e Petersen (2008), os processos de aquisição para aperfeiçoamento das habilidades motoras, principalmente os que utilizam do esporte para o devido fim tem de contribuir para que a criança melhore suas habilidades individuais, promova o equilíbrio funcional na vida diária. As múltiplas dimensões evocadas pela vida esportiva permitem uma grande riqueza de contribuições para o processo de desenvolvimento da criança.

Nos programas esportivos, segundo Valentini e Petersen (2008), é importante que nunca se perca o foco dos princípios pedagógicos utilizados para auxiliar no ensino aprendizados das crianças, princípios voltados para o desenvolvimento das capacidades integrais da criança, respeitando as individualidades e potencialidades de todos os executantes.

Valentini e Petersen (2008) defendem a ideia que o esporte é importante para o desenvolvimento da criança, para o desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais, e que sejam combinadas as diferentes formas de prática (GOODWAY, RUDISILL, 1997; HAMILTON, GOODWAY, HAUBENSTRICKER, 1999; VALENTINI, 2002a, 2002b). Seefeldt e Haubenstricker (1982) sugerem que, ao refinar as habilidades motoras fundamentais, o indivíduo transpõe a barreira da proficiência motora adquirindo os níveis de habilidades necessários para avançar para práticas mais elevadas de aplicação das mesmas. Ou seja, passam a usar estas habilidades nos mais variados esportes, porém, esta transposição depende muito da instrução apropriada. Sem a instrução apropriada, oportunidades para prática diversificada e encorajamento os indivíduos podem apresentar dificuldades motoras.

O esporte é a parte integrante da cultura mundial, promovendo benefícios físicos, psicológicos e sociais, entretanto, deve ser ensinado de forma gratificante, respeitando a individualidade e o interesse dos alunos, e ainda considerando o seu caráter multidimensional (COSTA; NASCIMENTO, 2004, p. 50).

Alencar, Silva e Lavoura (2015) afirmam que as lutas se apresentam como manifestações das mais diferentes culturas, civilizações e sociedades. Por isso pode surgir certa dificuldade da parte do professor ao tentar passar para os seus alunos o conhecimento de tal prática. Os mesmos autores analisaram duas turmas de 8ª anos de diferentes instituições, sendo uma escola pública e outra privada, sendo analisado o conteúdo lutas no ambiente escolar, os autores verificaram uma boa aceitação dos alunos. Através desses conteúdos os alunos conseguiram aprender a respeitar as regras além de impor uma cordialidade e lealdade entre eles. Foi trabalhado o conteúdo lutas em toda a sua dimensão, desde história até as regras do esporte.

De acordo com Valentini e Petersen (2008), o desenvolvimento do aluno é dividido em fases e durante a vivência dessas fases o aluno refinará, por meio da prática esportiva, as várias habilidades que comporão o seu repertório motor especializado, e então dentro deste processo ele passará por três fases de especialização esportiva, a transição, aplicação e utilização. Na fase de transição a criança começa a combinar e aplicar as habilidades motoras fundamentais no desempenho das atividades esportivas, recreativas racionalmente e na vida diária. Esse período é marcado pelo interesse generalizado por todas as atividades, pela naturalidade no movimento, pela descoberta de numerosas combinações motoras (GALLAHUE; DONELLY, 2003). Na fase de aplicação é onde o aluno é capaz de tomar inúmeras decisões frente à mesma tarefa e aplicar estratégias nos jogos, o aluno opta em participar de esportes o qual sabe que tem melhor incremento motor para praticá-lo. A terceira fase de utilização é a manutenção da prática esportiva ao longo da vida, a utilização destas habilidades em práticas esportivas (recreativas racionalmente ou profissionais) se torna dependente das condições físicas, de oportunidades, da experiência adquirida, de condições socioeconômicas e da motivação do indivíduo (GALLAHUE; DONELLY, 2003). Então a aquisição das habilidades motoras nas diferentes fases do desenvolvimento depende de vários fatores. Garcia e Garcia (1996) afirma que o desenvolvimento de uma habilidade esportiva é totalmente variável e depende do indivíduo com o meio.

Valentini e Petersen (2008) apoiam a afirmação de Newell (1984) que as restrições individuais são referentes às características físicas e mentais de cada pessoa, portando as restrições individuais são estruturais e funcionais. As restrições estruturais são lentas, porém estão presentes em toda vida, como exemplo seria o tamanho do aluno, peso, forma, etc. Já as restrições funcionais mudam em um período de tempo pequeno, como exemplo seria a motivação a prática.

As diferenças individuais, como exemplo, a idade, deve ser analisada como forma funcional de cada indivíduo e o educador deve entender as particularidades de cada aluno e entender como ele responde a prática esportiva. A motivação é uma variável chave no processo de aprendizagem, sem motivação muito pouco pode ser conquistado pelo indivíduo. A atenção é essencial para que a aprendizagem ocorra e seja mantida em longo prazo. Valentini e Petersen (2008) ainda nos trazem que durante a prática esportiva, os participantes reforçam e adquirem informações a favor dos seus três sentidos corporais, o visual, o auditivo e o tátil. Isso é denominado de feedback intrínseco. Essas informações são fundamentais para a aquisição de novas habilidades. Vale lembrar que muitos alunos têm dificuldades de coletar informações dos seus próprios sentidos, daí que entra o feedback extrínseco, esse feedback é propiciado por uma fonte externa, ou seja, o professor, técnico, etc.

2.8 Agressividade e suas relações com esportes de luta

Foi constatado por Olivier (2000) que desde o primeiro ano de escolarização as brigas e as discussões surgem muito cedo entre as crianças, tanto no pátio da escola como dentro da sala de aula. Com isso a violência é inerente as relações sociais, como causa, resultam de múltiplas interações, manifestando-se em circunstâncias precisas como: reação a violência do outro, do meio ambiente, como resposta a um estresse ou a uma frustração, como desejo de impor-se. Olivier (2000) ainda afirma que não se trata de procurar suprimi-la, mas de considerá-la como modo de expressão e de comunicação. Podemos entender através dessa afirmação, que o professor deve saber lidar com essa atitude do aluno e controlá-la, e não a oprimir. A criança não sabe explicar o tipo e a causa da violência que sofre, mas sabe senti-la.

Correa et al. (1998) também nos trazem algumas afirmações sobre violência, afirmando que a violência tem alcançado índices alarmantes na sociedade em que vivemos e atualmente nossa atenção se volta ao papel social em que a escola desempenha. A impressão que temos é que o aluno é oprimido quando se mostra agressivo e aquilo começa a se acumular dentro do seu corpo, até o momento em que se sente seguro para reagir e soltar tudo que está guardado. Na pesquisa feita por Correa et al. (1998) os autores mostram, não como acabar com tal agressividade, mas como controlá-la e adequá-la. Acredita-se que a predominância do controle da agressão é fundamentada geralmente por fatores emocionais e sociais.

Segundo o estudo de Correa et al. (1998), uma atitude pode ser considerada agressão quando: uma ação é violenta e provocada contra uma pessoa ou contra o próprio, tendo como

fins propósitos hostis e destrutivos. Os autores basearam-se também nos estudos de Freud, que afirmou que a agressão é uma “manifestação do comportamento consciente do instinto de morte” e para Adler, “é qualquer manifestação normal ou patológica da vontade de poder”. Ainda Santos (2001) cita a analista norte americana Clara Thompson, onde a mesma escreve que a agressão não é necessariamente destrutiva, “ela se origina de uma tendência inata para crescer e dominar a vida, que parece ser característica de toda matéria viva. Somente quando essa força vital é destruída em seu desenvolvimento é que os ingredientes da ira, da raiva ou do ódio passam a ser ligados a ela”.

Correa et al. (1998) afirmam que nossa cultura é destruidora, por isso a agressividade é um problema tão alarmante no homem moderno. Além disso, os autores defendem a hipótese de que é falsa a ideia de a agressão ser uma resposta da frustração. Alguns pais que tentaram regimes de liberdade para seus filhos acabaram fazendo com que eles se tornassem emocionalmente mais perturbados e agressivos do que se tivessem sido oprimidas a uma disciplina mais firme. Explicações para isso são que os pais nunca impõem seu direito e assim a criança cria um conceito de que sua vontade deve ser imediatamente satisfeita. O pai que cede demais não dá à criança a oportunidade de se defender, porque não há o que se defender, não há ninguém para se combater aí a agressão da criança tende a voltar-se para dentro, contra seu próprio eu.

O potencial agressivo é importante para o amadurecimento da criança, desde que controlada e trabalhada adequadamente. Correa et al. (1998) acreditam que a canalização da agressividade é o melhor caminho para a criança extravasar seu descontentamento e passar a manifestar a agressividade de forma positiva. A agressividade está na constituição da violência, mas a violência não está só na criminalidade exposta ao nosso dia a dia, está presente também no interior da família, na escola, na política, na rua, na saúde, etc. A violência é um fato social, onde não podemos nos acomodar achando que nada podemos fazer e nem a considerar normal (CORREA et al., 1998). Precisamos amenizar estes efeitos nas famílias primeiramente e nas escolas, que são instituições primárias da vida da criança e que temos acesso. A desinformação dos professores de como trabalhar com a agressividade dos alunos pode atrapalhar e até mesmo impedir a escolarização da criança, precisando assim ser assegurado.

Olivier (2000) defende a ideia de que, não motivando a violência, mas através do judô a criança aprende a se defender, não se submetendo ao aluno mais forte, ou “valentão” como é chamado. Toda a regulação das trocas violentas entre as crianças será mais bem-feita

à medida que elas refinarem a percepção das consequências da violência, do perigo que ela pode representar para si mesmo e para o outro. Com o judô o aluno aprende a refletir sobre o colega, que o machucar pode ser ruim, como ser machucado também.

Nesse sentido, a escola pode auxiliar neste controle da violência, principalmente através do judô (OLIVIER, 2000). O judô pode ajudar a dominar a ansiedade causada pela incerteza, convidando a criança a mediar-se com o outro, a combatê-lo com violência controlada e na presença de um professor a garantir o respeito às regras e as fronteiras que não devem ser ultrapassadas (OLIVIER, 2000).

Algumas pesquisas apontam a violência como algo intrínseco às práticas das lutas, o que incompatibilizaria a possibilidade de abordagem deste conteúdo nas escolas. Contudo, este é outro discutível argumento, pois, o comportamento violento constitui uma característica presente na sociedade como um todo, sendo que, independente do conteúdo abordado no ambiente escolar, é de fundamental importância a forma de condução, a fundamentação teórica e metodológica e o trato didático pedagógico da tematização. Nascimento e Almeida (2007) afirmam que qualquer que seja o tema a ser abordado, se não for fundamentado e tratado pedagogicamente, corre o risco de gerar conflitos e situações hostis.

3 MÉTODO

3.1 Caracterização da pesquisa

Este estudo se caracteriza como de natureza aplicada, porque tem o objetivo de gerar conhecimento para a aplicação prática. A abordagem é quantitativa, pois os resultados poderão ser analisados a partir de números (SILVA et al., 2011). Quanto aos objetivos, à pesquisa é considerada descritiva, onde o objetivo é a descrição de algo, de um evento, um fenômeno ou um fato.

3.2 Participantes da pesquisa

Participaram do estudo 27 crianças de 8 a 13 anos, regularmente matriculadas em uma Escola da Rede Pública de ensino de Florianópolis. Foram selecionados dois grupos, um de crianças que frequentavam as aulas de educação física escolar e também participavam das aulas de judô na escola no horário complementar por no mínimo 1 ano (número de alunos = 9, sendo 6 meninos e 3 meninas com média de idade de 9,6 e $\pm 1,7$ anos) e outras que participavam também das aulas de educação física escolar, porém não praticam ou praticaram judô (número de alunos = 18, sendo 9 meninos e 9 meninas com média de idade de 9,8 e $\pm 1,2$ anos). As crianças foram selecionadas de forma aleatória durante a aula.

Inicialmente foi realizado um contato prévio com os responsáveis da escola, com o professor de educação física da instituição e com o professor de judô (sensei) e esclarecidos os objetivos da pesquisa. Após esses procedimentos e tendo o consentimento dos envolvidos, os dados foram coletados nos respectivos locais. Foi mantido o anonimato da instituição, dos professores e alunos entrevistados ou observados durante toda a pesquisa.

3.3 Procedimentos e instrumentos de medida

Foram utilizados dois instrumentos de medida no presente estudo. No primeiro momento foi utilizada uma matriz de observação sistemática não-participante durante 6 aulas de judô. Essa matriz é baseada na proposta por Flores (2016) e elenca aspectos de estruturação, organização e aplicação dos aspectos teóricos do judô durante as aulas (Apêndice 1). O método de observação é uma técnica, segundo Gerhardt, Silveira e Delani (2009), que faz uso dos sentidos para apreensão de alguns aspectos da realidade. Consiste em ver, ouvir, examinar os fatos e os fenômenos que se pretende investigar. A técnica de

observação permite que o investigador tenha um contato mais próximo com o objeto estudado e tem um importante papel na descoberta dos fatos. Pode ser classificada em simples ou sistemática, na simples o observador permanece distante da situação estudada, apenas observa de maneira espontânea o que acontece e faz as referidas anotações que necessita, já a sistemática, também conhecida como observação passiva, o observador não se integra ao grupo observado, permanece de fora, presencia o fato, mas não participa dele, não se deixa envolver pelas situações, tem papel de espectador. É utilizada em pesquisas que requer uma descrição mais detalhada e precisa dos fenômenos.

No segundo momento foi aplicada uma entrevista com alunos de 8 a 13 anos que frequentavam as aulas de judô por pelo menos 1 ano e alunos da mesma faixa etária que não praticam ou praticaram judô. A entrevista foi composta por três itens: dados de identificação, conhecimento geral do judô (somente para os alunos que praticavam judô) e aspectos comportamentais e sociais (todos os alunos) (Apêndice 2). A entrevista foi composta por cinco perguntas abertas sobre o conhecimento do judô e oito perguntas abertas sobre os aspectos sociais e comportamentais. A clareza e a validade das questões foram verificadas por um professor Mestre em Educação Física, faixa-preta de judô e com 14 anos de experiência no judô.

3.4 Coleta de dados

Foram observadas 6 aulas de judô em uma Associação que trabalha com as crianças a modalidade do judô nos horários complementares das aulas, que estava inserida em uma Escola da Rede Pública de Florianópolis. As entrevistas foram realizadas na mesma escola com alunos praticantes e não-praticantes de judô. Após ser feito contato com professores das aulas de Educação Física e de judô foi combinado com os mesmos os dias que seriam realizadas as observações e entrevistas. Primeiramente, foram realizadas as entrevistas com os alunos nas aulas de Educação Física, ou seja, os alunos que não praticavam judô. Os alunos foram entrevistados individualmente, para que não houvesse interferência na resposta dos alunos que viriam a ser entrevistados sucessivamente. Após todas as entrevistas serem feitas com os alunos da Educação Física, se iniciou o período de observação das aulas de judô, sendo antes ou depois das aulas alguns alunos eram selecionados separadamente e respondiam a entrevista individualmente. Este processo levou um pouco mais de tempo que o anterior para ser feito, devido à quantidade de aulas que foram observadas, anotações feitas e entrevistas realizadas.

3.5 Análise dos dados

Para a análise dos dados obtidos a partir da matriz de observação sistemática e da entrevista foi utilizada estatística descritiva. De acordo com Davila (2016), estatística pode ser definido como uma técnica que nos permite organizar, descrever, analisar e interpretar dados, provenientes de estudos ou experimentos, realizando em qualquer área do conhecimento, e ainda de acordo com Davila (2016), mais especificamente, estatística descritiva é definida por uma etapa inicial de análise onde é utilizada para descrever e resumir os dados obtidos através de uma pesquisa.

Também foram analisados os dados por meio de análise de frequência simples (absoluta e relativa) que, de acordo com Silva (2010), a frequência relativa pode ser definida como a razão entre a frequência absoluta e o número total de observações, já a frequência absoluta é o número de vezes que uma determinada variável assume um determinado valor. Silva (2010) ainda complementa que a frequência absoluta registra exatamente a quantidade de vezes que determinado fato aconteceu, não sendo possível uma análise de comparação, então para que os dados sejam significativos devemos utilizar junto a frequência relativa, sendo feitos através dos dados coletados, definidos como a razão entre a frequência absoluta e o número total de observações. Além disso, foram utilizados também medidas de média e desvio-padrão. Ávila (2014) afirma que o significado de média em estatística refere-se basicamente ao ponto de equilíbrio de determinada frequência ou a concentração de dados de uma distribuição. O desvio-padrão, segundo Ávila (2014), é o termo que tem como objetivo demonstrar a regularidade referente a um conjunto de dados de modo a mostrar o grau de oscilação destes em comparação com a média dos valores do conjunto. A partir dos resultados obtidos nos dois instrumentos foram utilizados para apresentação dos dados tabelas, gráficos e descrição das respostas.

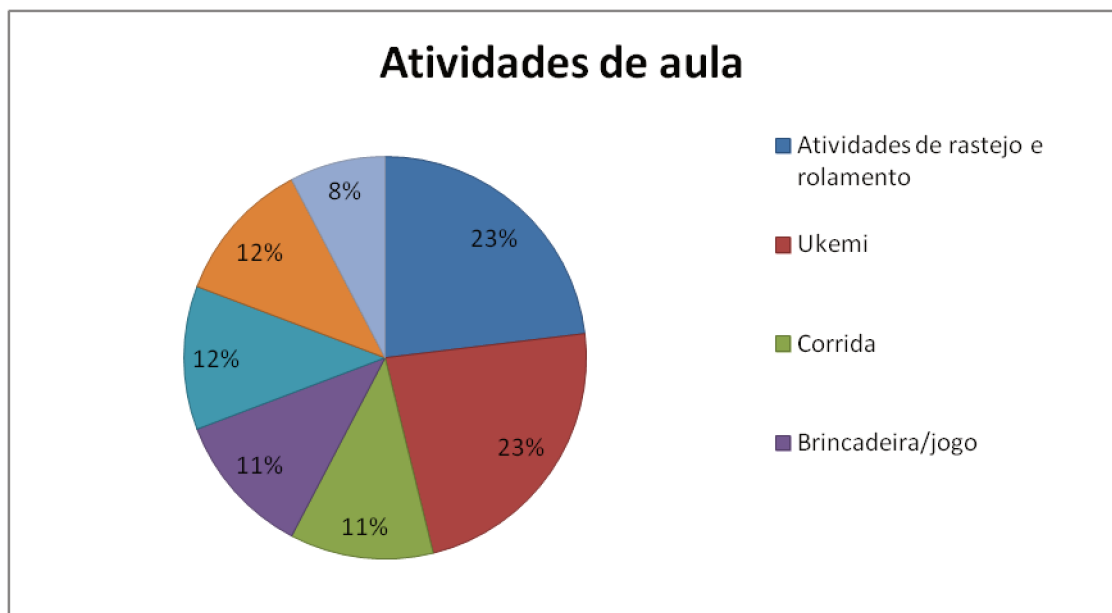
4 RESULTADOS

Os resultados deste estudo serão apresentados conforme os objetivos específicos, sendo separado em três subitens: observação das aulas de judô, conhecimento do judô e apresentação da entrevista sobre aspectos sociais e comportamentais dos alunos.

4.1 Observação das aulas de judô

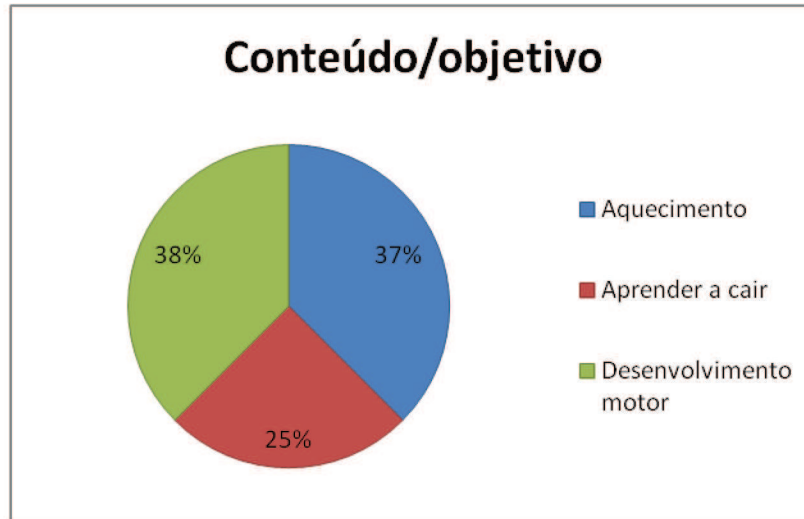
Foram observadas 6 aulas de judô em uma Associação que estava inserida em uma Escola da Rede Pública de Florianópolis. Destas aulas participaram em média 8 alunos por aula, entre 8 a 13 anos de idade e com graduação de branca, cinza e azul. As atividades realizadas pelos alunos nessas aulas estão apresentadas na Figura 2. Verificou-se que as atividades mais frequentes foram nessa ordem: 23% das vezes foram realizadas atividades de rastejo e rolamento, 23% ukemis (amortecimento de quedas), 12% atividades de golpe de quadril, 12% simulação de luta, 11% algum tipo de brincadeira/jogo, 11% corrida pelo dojô e 8% das vezes foi feito algum tipo de conversa sobre disciplina e agressividade.

Figura 2. Atividades realizadas pelos alunos nas aulas observadas.



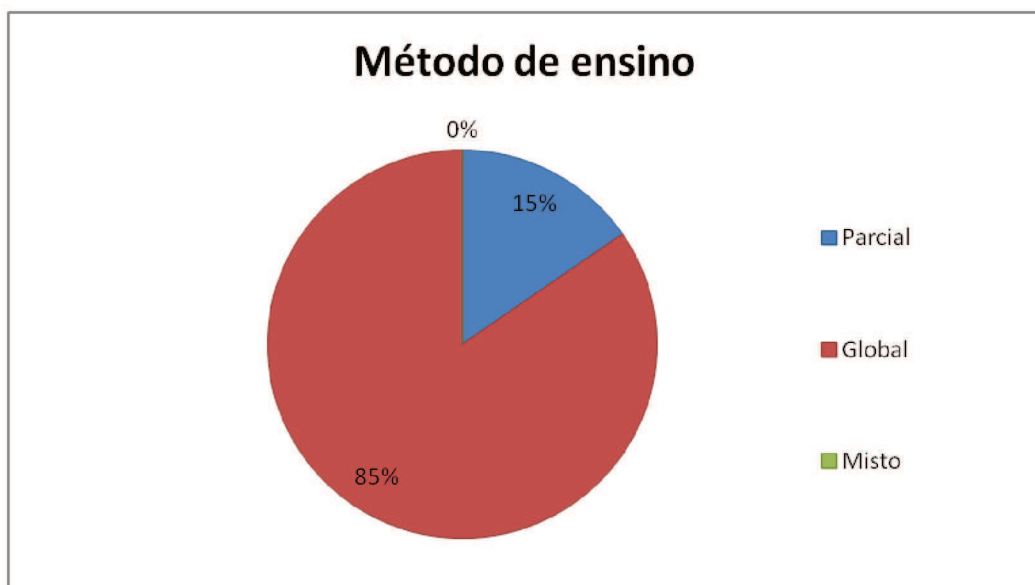
Na Figura 3 podemos visualizar o conteúdo/objetivo das aulas. Notou-se que o conteúdo/objetivo predominante na maior parte das aulas foi o desenvolvimento motor, onde aconteceu 38% das vezes, seguido pelo aquecimento, feito 37% das vezes e por último aprender a cair, 25% de vezes nas aulas.

Figura 3. Conteúdo/objetivo geral das aulas observadas



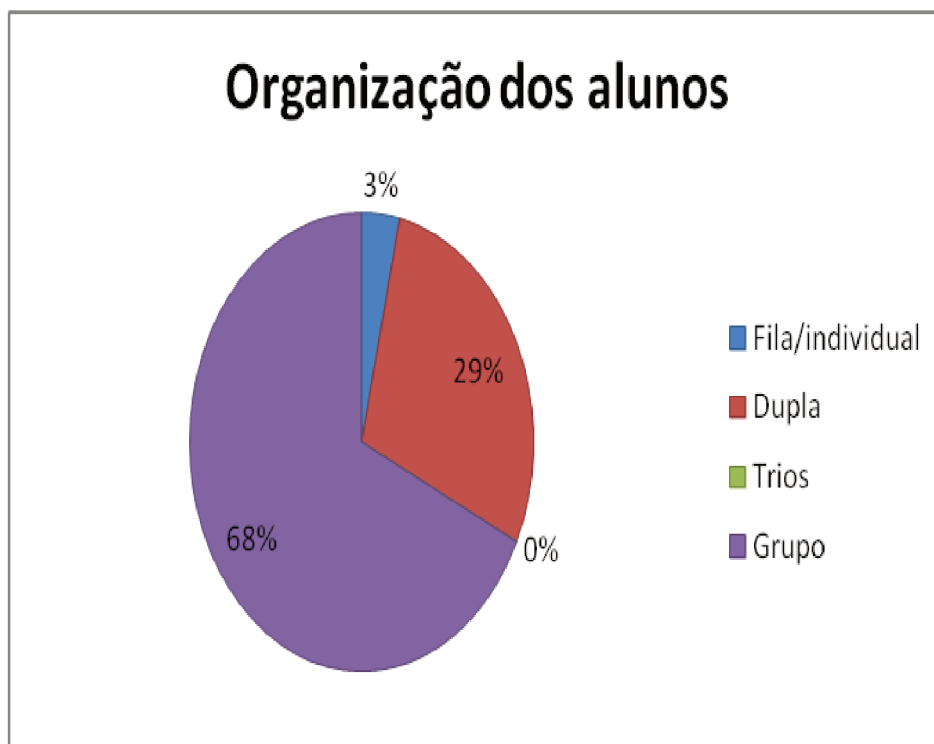
Para trabalhar tais atividades com os alunos o professor utilizou em todas as aulas o estilo de ensino tradicional/diretivo. Observamos no item 3.1 quais métodos de ensino o professor utilizava a partir do estilo de ensino diretivo, percebemos que na maioria das aulas o método global era mais utilizado, mais precisamente 85% das vezes, em poucas situações o método parcial foi identificado.

A Figura 3.1 apresenta os estilos utilizados a partir do método diretivo:



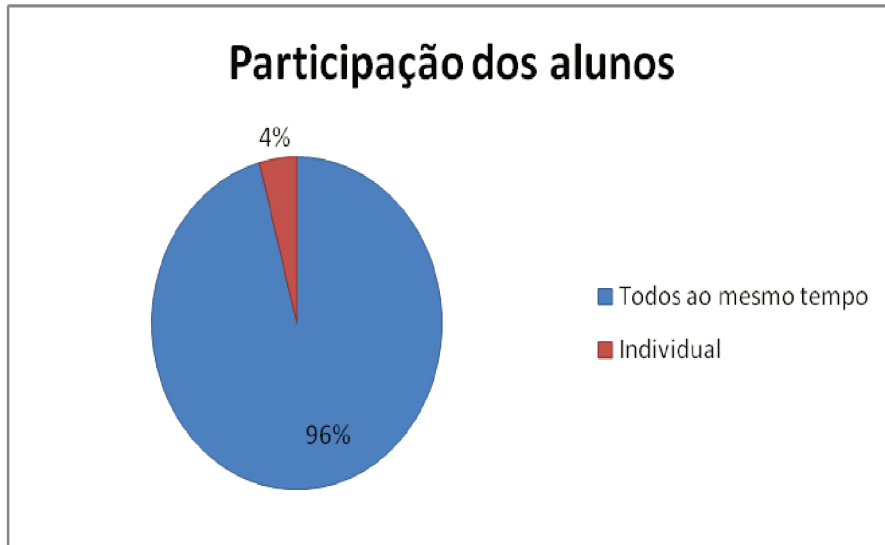
Na figura 4, foi feito um levantamento de como eram organizados os alunos em cada atividade proposta. Com isso, pôde-se notar que a atividade em grupo é predominante durante as aulas, aparecendo 68% das vezes, onde todos os alunos participam ao mesmo tempo nas atividades. Logo as atividades em dupla vêm em segundo plano, acontecendo 29% das vezes. Atividades de fila/individual aconteceram em 3% das vezes e nenhuma atividade foi feita em trios nas aulas observadas.

Figura 4. Organização dos alunos durante as atividades propostas nas aulas



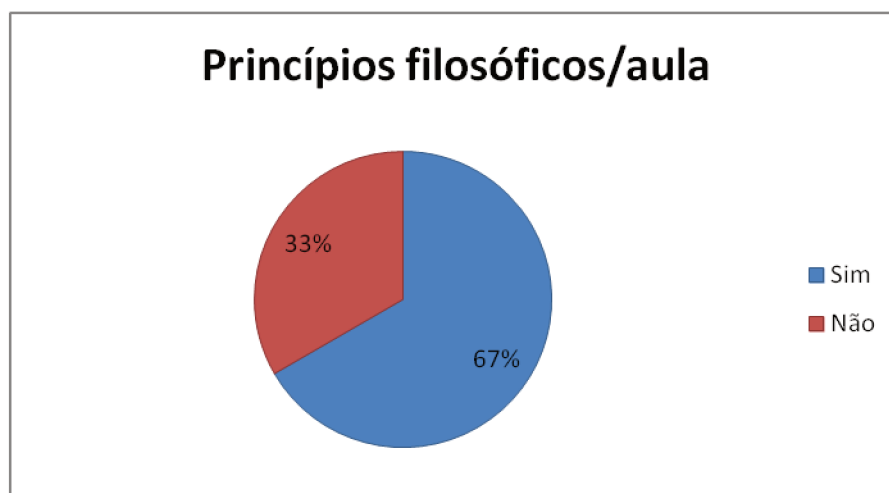
Já a figura 5 nos diz como era a participação dos alunos durante as atividades de aula. Notou-se que na grande maioria das vezes, 96% das atividades em aula, todos os alunos participavam de forma conjunta, sem nenhuma espera, e que em apenas 4% das atividades das aulas foram feitas de forma individual, onde cada um realizava o que era proposto, com os outros colegas esperando.

Figura 5. Participação dos alunos nas atividades propostas em aula



A figura 6 nos traz uma informação importante referente ao quanto, em cada atividade de aula, era lembrado e ressaltado os princípios filosóficos do judô pelo sensei. Pode-se verificar que na maioria das atividades, de alguma maneira os princípios filosóficos do judô eram lembrados pelo professor, 67% das atividades de aula o professor citava algum princípio para os alunos, e apenas 33% das atividades observadas, os princípios não eram lembrados. Algo bastante positivo de se elencar devido à importância dos princípios filosóficos do judô durante as aulas/treinos da modalidade.

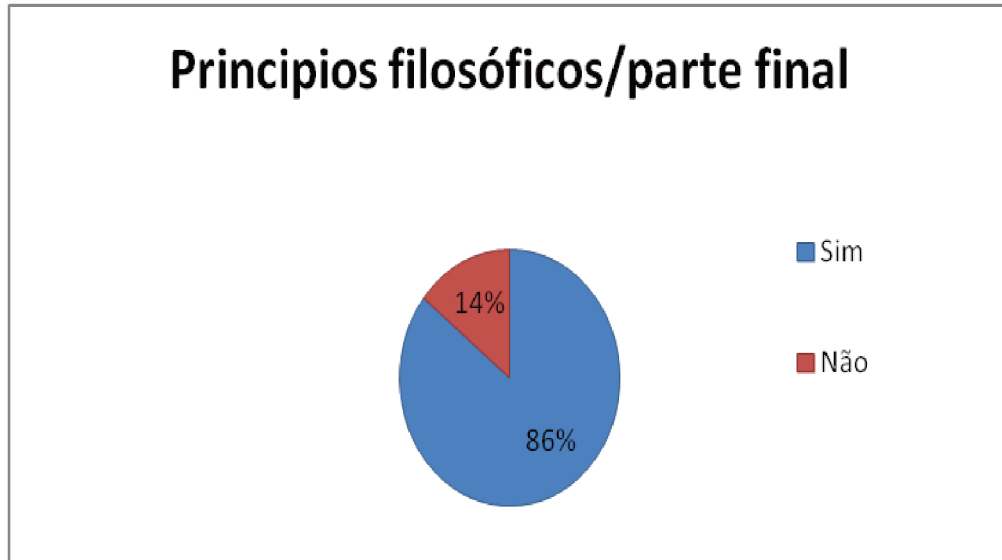
Figura 6. Princípios filosóficos utilizados nas aulas.



Foi observado como eram realizadas as atividades finais de cada aula. Notou-se que a saudação final foi o mais utilizado para encerramento das aulas, aparecendo 86% das vezes,

já o alongamento foi realizado em 14% das aulas. A organização dos alunos no encerramento das atividades sempre foi feita em grupo, todos participando ao mesmo tempo, de forma conjunta.

Figura 7. Princípios filosóficos utilizados na parte final das aulas.



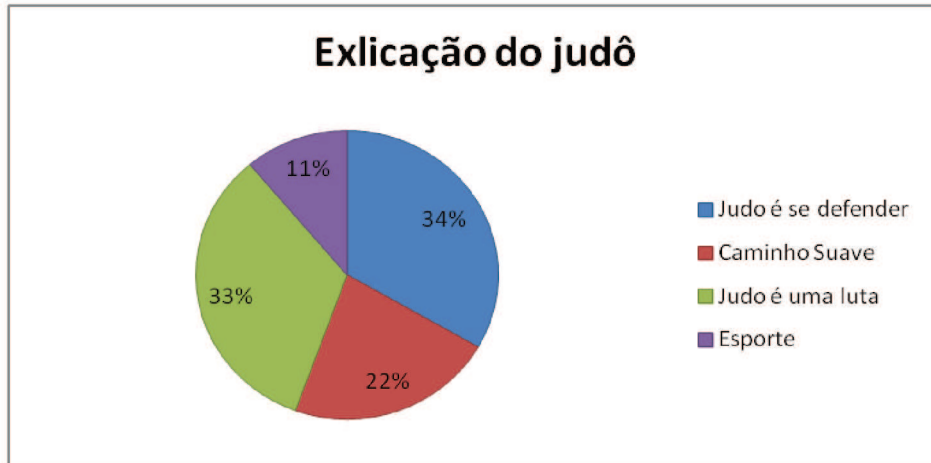
Também se verificou, se algum princípio filosófico era usado no encerramento das aulas, e se teve como resposta que em 86% das vezes, sim, era utilizado os princípios filosóficos para encerrar as aulas, e apenas 14% das vezes, nenhum princípio era posto em evidência para os alunos, como mostra a figura 7.

4.2 Conhecimento do judô

Após esclarecer o que foi observado durante as aulas e detalhar os resultados, será apresentada a primeira parte da entrevista que mostra o conhecimento do judô. Essa parte da entrevista foi aplicada apenas com os alunos que praticavam judô, a fim de verificar o quanto os alunos realmente conhecem da modalidade. Foram entrevistados 9 alunos praticantes de judô, sendo 6 desses alunos tem a graduação cinza, 2 a graduação azul e apenas 1 deles tem a graduação branca, porém tem mais de 1 ano de prática. Dentre os alunos entrevistados, 78% tem algum conhecimento sobre o judô e 22% não tem nenhum conhecimento. Foi perguntado “Você sabe o que é judô?”, seguindo o roteiro como mostra o apêndice 1. Após tal pergunta, foi pedido para os alunos explicassem o que entendiam sobre a modalidade. Como mostra a figura 8, 34% dos alunos afirmaram que “judô é se defender”, 33% afirmaram que “judô é

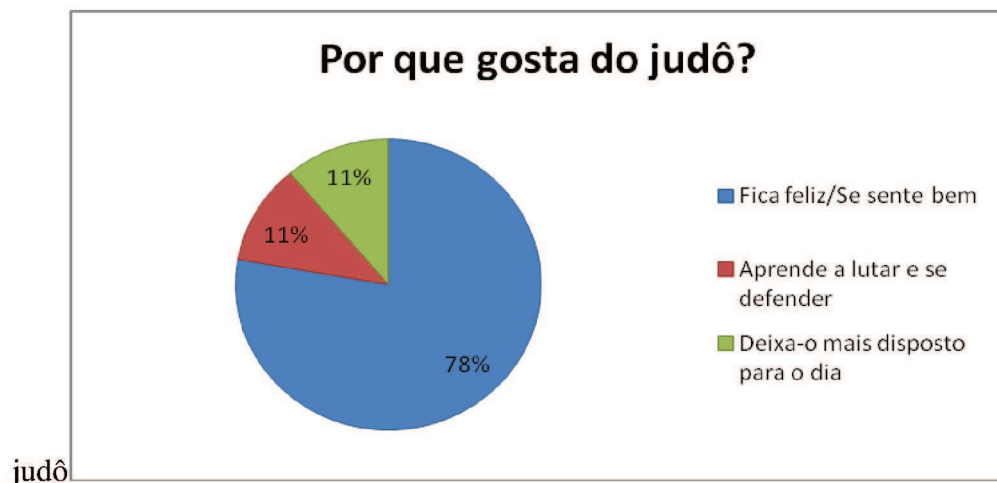
uma luta”, 22% que judô é o “caminho suave” e 11% deles trouxeram a informação de que judô é um “esporte”.

Figura 8. Explicação do judô, segundo os alunos praticantes da modalidade.



Na sequência foi perguntado se os alunos conheciam o mestre Jigoro Kano e se gostavam de praticar a modalidade de judô, respectivamente. Todos afirmaram que conheciam e afirmaram que Jigoro Kano foi o criador do judô. Além disso, todos responderam que gostavam muito de praticar a modalidade, quando questionados o porquê, os resultados se encontram na figura 9: 78% afirmaram que ficam felizes e se sentem bem ao praticar o judô, 11% gostam porque aprendem a lutar e se defender e outros 11% afirmaram que a prática do judô os deixa mais dispostos para o resto do seu dia. Lembrando que as aulas foram observadas no período matutino das atividades escolares.

Figura 9. Percepção dos alunos sobre o prazer em praticar



judô

33% dos alunos sabiam algum dos nove princípios criados pelo mestre Jigoro Kano e 67% não sabiam citar nenhum dos princípios (princípios que são citados no item “2.3 Princípios e máximas do judô”). 78% alunos souberam dizer o país de criação do judô (Japão), ou seja, sua origem e 22% não souberam responder.

4.3 Entrevista sobre os aspectos sociais e comportamentais

Após as perguntas referentes aos conhecimentos gerais do judô, foram iniciadas as perguntas referentes aos aspectos sociais e comportamentais de cada aluno. Tais perguntas, diferente das perguntas de conhecimento gerais do judô, foram feitas para ambos os grupos de alunos, que praticam a educação física escolar juntamente com o judô nas atividades complementares e os alunos que apenas participam das aulas de educação física da escola. A seguir serão mostradas as respostas alternadamente, identificados como “grupo de judô”, os alunos que tinham atividades de judô nas aulas complementares e “grupo de educação física” os alunos que apenas praticavam as aulas de educação física escolar, lembrando que foram entrevistados 9 alunos que praticam judô e 18 alunos que não realizavam a prática do judô.

Todos os alunos que praticam judô afirmaram que se importam com o colega de aula e do grupo que não pratica 94% afirmou que se importa e 6% afirmou que não. Sequencialmente foi perguntado o porquê da importância com o colega e as respostas estão nas figuras 10 (Grupo judô) e figura 11 (Grupo Educação Física). Dos alunos que praticam judô, 45% afirmaram que se importam com o colega, pois todos tem que se ajudar na aula, 33% se importam, pois todos são amigos, 11% pois são legais e 11% pois deve ser educado, independentemente da situação. Já os alunos da Educação Física relataram algumas respostas diferentes, sendo que 22% falaram que se importam, pois gostam de ajudar o colega, 17% porque estudam juntos, 11% não tem motivo, 6% afirmaram que apenas se importam com os amigos, mas com os outros não e 5% responderam que ninguém se importa com ninguém, ninguém mexe com ninguém, dentro outras respostas que podem ser analisadas na figura 10 a seguir.

Figura 10. (Grupo judô) Percepção dos alunos sobre a importância do colega.

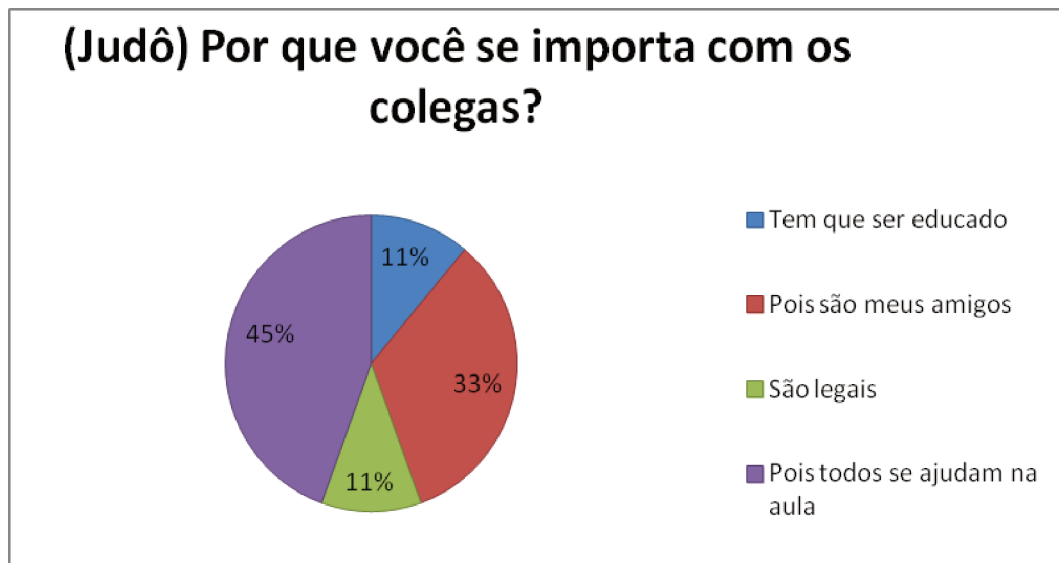
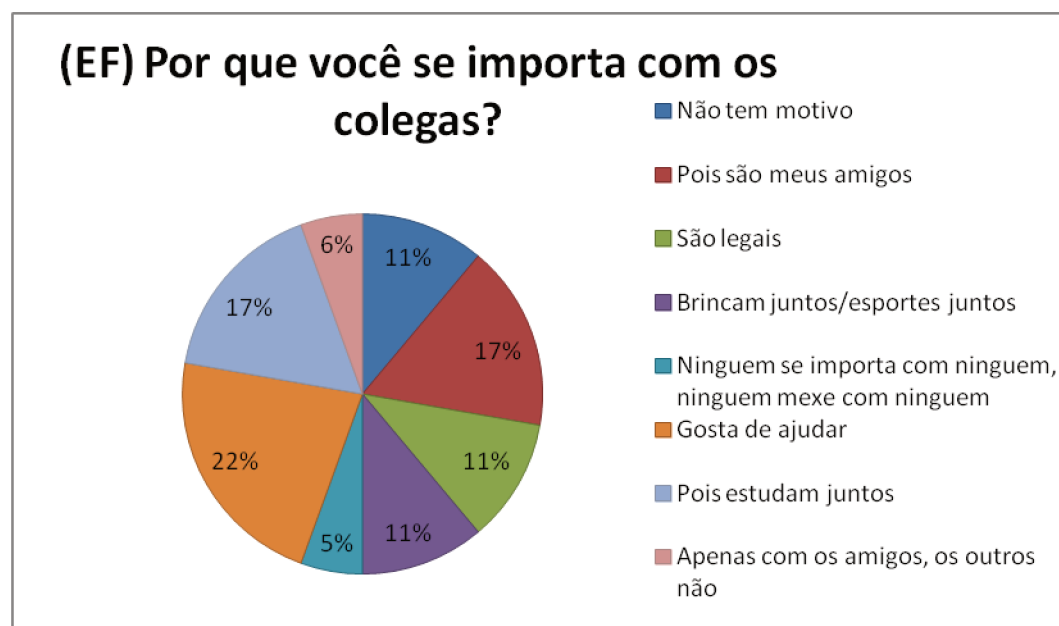


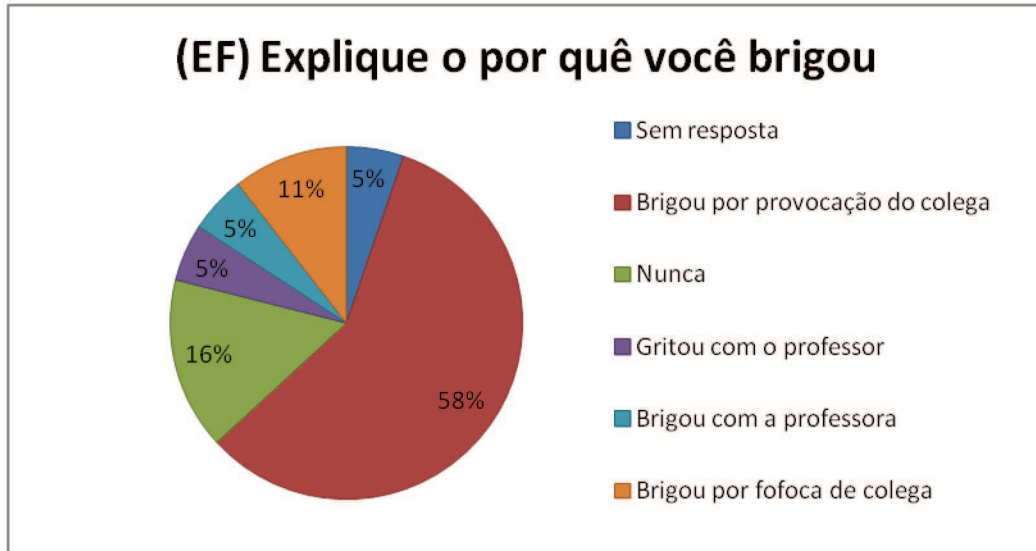
Figura 11. (Grupo Educação Física) Percepção dos alunos sobre a importância do colega.



Dos alunos que praticam judô, 94% afirmaram que nunca tiveram nenhum tipo de desavença com colegas, nunca brigaram ao longo de sua vida e apenas 6% afirmou que entrou em conflito uma vez, pois segundo ele, foi incomodado pelo outro colega. Já os alunos que não praticam judô, 84% deles afirmaram já ter entrados em conflito com algum colega e 16% nunca entraram em conflito com ninguém. Questionando o porquê do conflito, obtivemos as

seguintes respostas: 58% relatou que brigou, pois foi provocado pelo colega e outros 11% pois foi feito fofoca a seu respeito, dentre outras respostas que podemos observar na figura 12.

Figura 12. (Grupo Educação Física) Explicação sobre brigas na escola.

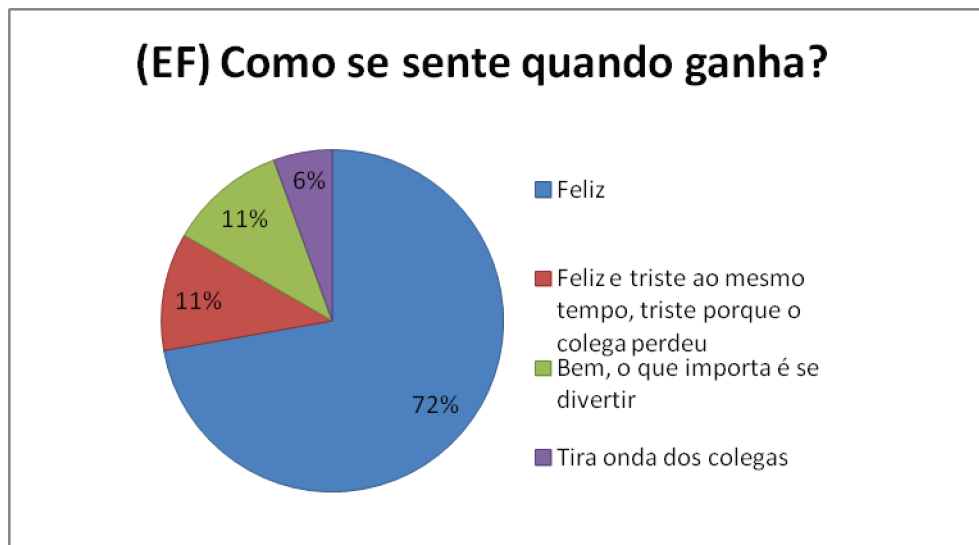


Dos alunos que fazem judô, 94% responderam que tem muitos amigos e 6% responderam que não, já os alunos que não praticam judô todos responderam que tem muitos amigos. Posteriormente foi perguntando como os alunos se sentiam quando ganhavam e quando perdiam algum tipo de jogo ou brincadeira. As respostas estão nas figuras 13 a 16. Analisando os alunos que praticavam judô, 78% relataram estarem felizes quando ganham e 22% se sentem normal (figura 13). Já os alunos que não praticam judô, 72% relataram se sentirem felizes com a vitória, 11% afirmaram que se sentem felizes porque ganharam e tristes porque o colega perdeu, 11% se sentem bem, pois o que importa é se divertir e 6% dos entrevistados afirmaram que tiram onda, zombam dos colegas que perderam (figura 14).

Figura 13. (Grupo judô) Percepção de ganhar uma brincadeira ou jogo.



Figura 14. (Grupo Educação Física) Percepção de ganhar uma brincadeira ou jogo.



Quando perguntado como os alunos se sentiam quando perdiam, no grupo do judô 78% afirmaram se sentir normal, 11% tristes e 11% pensam no erro para não repetir (figura 15). Já quando feito à mesma pergunta para os alunos que não praticam judô, 35% relataram que se sentiam normais, 23% se sentiam tristes, 12% ruim, pois não gostavam de perder, dentre outras informações como nos traz a figura 16.

Figura 15. (Grupo judô) Percepção de perder uma brincadeira ou jogo.

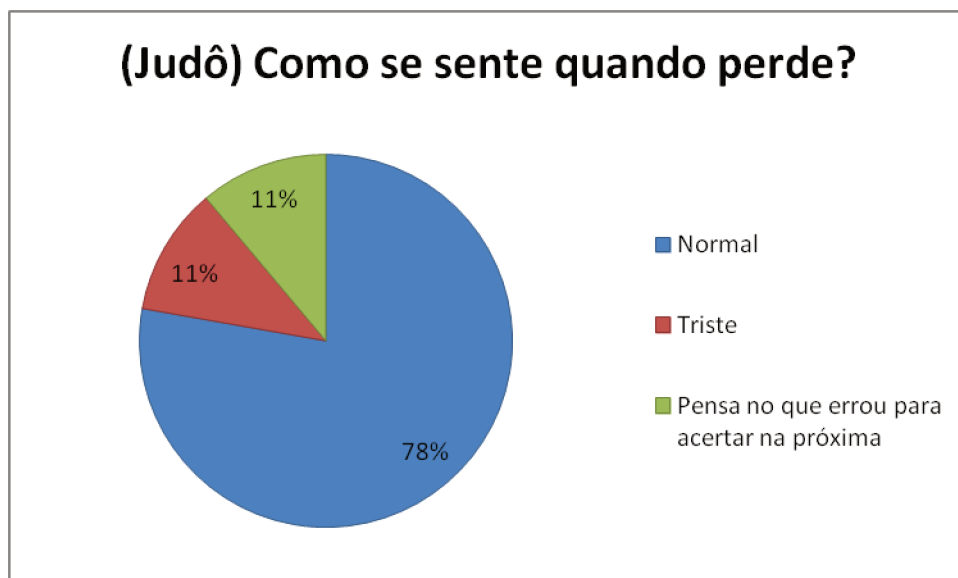
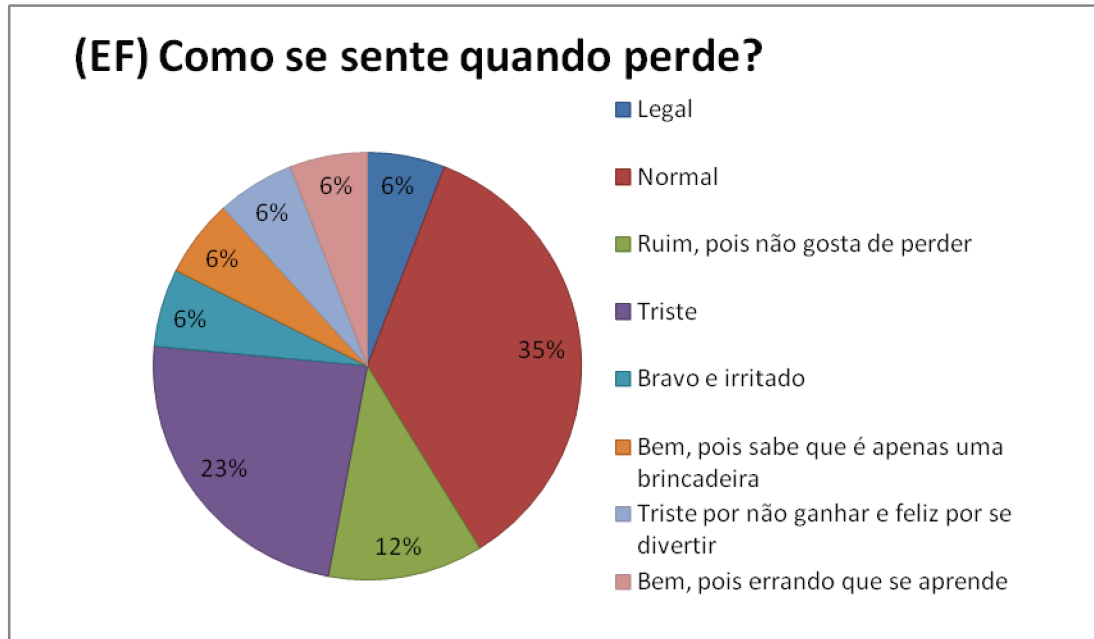


Figura 16. (Grupo Educação Física) Percepção de perder uma brincadeira ou jogo.



Quando questionado se os alunos ajudavam os professores e colegas quando precisavam, dos alunos que praticam judô entrevistados, 94% afirmaram que sim, que ajudam e 6% dos alunos afirmaram que ajuda apenas às vezes. Já dos alunos entrevistados que não praticam judô, 67% afirmaram que sim e 33% afirmaram que ajudam apenas às vezes. Após isso, foi perguntando o que mais importa em um jogo coletivo para os estudantes, como analisado nas figuras 17 e 18. Nos alunos que praticam judô, 23% responderam que o que mais importa é aprender, 22% responderam que o mais importante é estar junto dos colegas e 11% que o mais importante é brincar, dentro outras respostas como mostra a figura 17. Já os alunos que não praticam judô, 39% relataram que o mais importante em um jogo coletivo é ganhar e 33% é se divertir, dentre outras respostas.

Figura 17. (Grupo Judô) Percepção do que é mais importante no jogo coletivo.

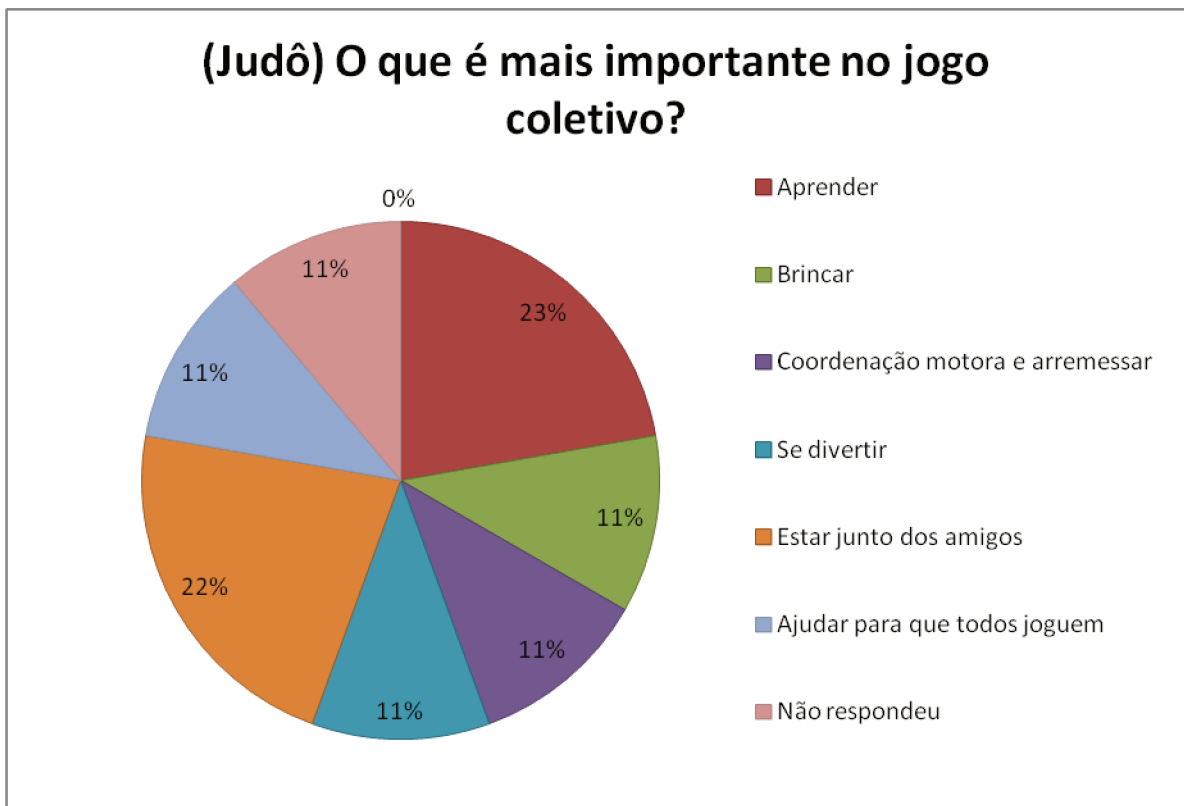
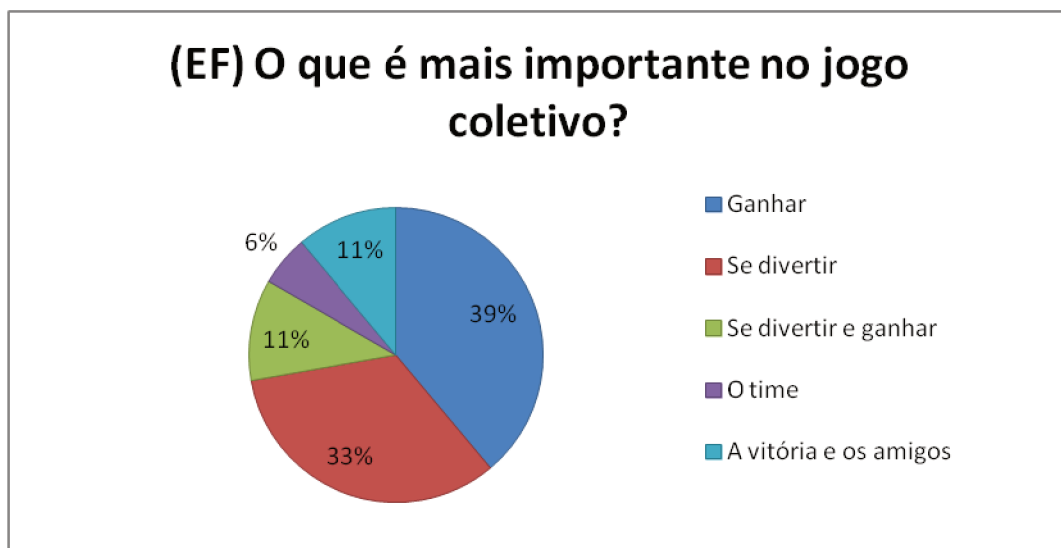


Figura 18. (Grupo Educação Física) Percepção do que é mais importante no jogo coletivo.



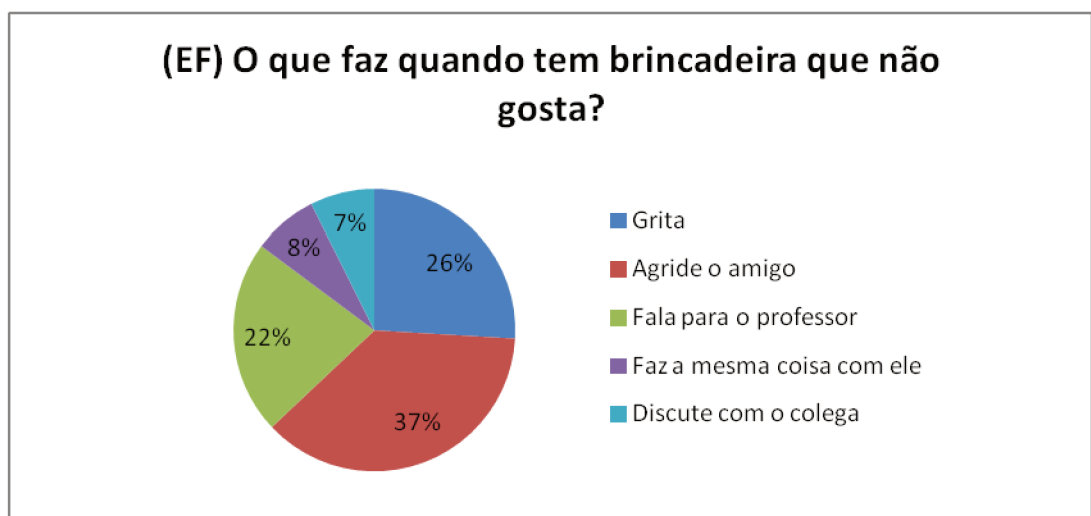
E por último, foi questionado aos alunos, qual a reação dos mesmos quando alguém faz brincadeiras de que não gostam. Dos alunos que praticam judô, 56% afirmaram que

contam a situação para o professor, 22% não sabem como reagir, 11% ficam bravos e contam para professor e 11% tentam resolver na conversa, se não conseguir contam para professora, como mostra a figura 19. Já na figura 20 observamos as respostas dos alunos que não praticam judô, 37% afirmaram que agridem o colega, 26% gritam com o colega, 22% contam a situação para o professor, 8% tomam a mesma atitude do colega contra ele e 7% entram em atrito verbal com o colega.

Figura 19. (Grupo Judô) Reação sobre brincadeiras que não gosta.



Figura 20. (Grupo Educação Física) Reação sobre brincadeiras que não gosta.



5 DISCUSSÃO

5.1 Observação das aulas de judô

Analisando as atividades mais frequentes nas aulas, observou-se que o professor preconizava bastante as atividades de ukemi, rastejo e rolamentos, onde foram feitas em maior parte das aulas. O ukemi ou ukemi-waza (técnica de amortecimento de queda) como é chamado, é o termo pelo qual se designam as técnicas de arte marcial japonesa que têm como objetivo ensinar ao praticante meios de controlar a forma da sua queda, a qual é realizada após a aplicação de um golpe. O objetivo principal é que mesmo caindo no tatame, o praticante consiga cair em uma posição favorável a não se machucar, amortecendo sua queda. Existem diferentes tipos de ukemi-waza, cada qual com uma direção de queda diferente, são eles: ushiro-ukemi, quando a queda é projetada para trás, zempo-kaiten-ukemi, quando a queda é projetada para frente com rolamento e yoko-ukemi, quando a queda é lateral (para esquerda ou para direita - *migui* e *hidari*, respectivamente). Já os rastejos e rolamentos são movimentos, em sua maioria, defensivos e usados para sair de situações de imobilização, por exemplo, no qual utiliza de tais habilidades para conseguir escapar do golpe. Porém, podem ser utilizados também para realizar um ataque de uma chave articular ou estrangulamentos. Como podemos ver as atividades mais utilizadas nas aulas foram técnicas de segurança e defesa, priorizando a segurança do aluno, para que o mesmo não se machuque e se defenda e/ou ataque em situações de luta de chão (Ne-waza).

Em seguida as outras duas atividades mais utilizadas foram à simulação de luta e aplicação de golpes de projeção com o quadril (Koshi-waza). Na simulação de luta os alunos tentavam colocar em prática o que aprenderam nas aulas, por exemplo, os golpes de projeção, rastejos, rolamentos, ukemis, entre outros, podendo servir para uma possível situação de competição futura em que os alunos pudessem a vir participar. É importante refletir sobre fato de que a competição deve ser trabalhada cuidadosamente com as crianças, evitando excesso de estímulos competitivos, porém, também pode ser inserida em alguns momentos das aulas. Franchini e Del Vecchio (2012) afirmam que a competição não deve ser excluída do aprendizado das crianças, porém deve ser adaptada, diferenciando as regras das competições adultas. Galatti et al. (2016) e Paes (1997) defendem que a competição no momento de iniciação não é um problema, pois é comum a criança desejar competir, tendo em vista que muitas vezes é o atleta profissional que compete que motiva a criança a entrar para o esporte. O problema está na forma como esta competição é feita e quais os objetivos de quem a

propõe, como acontece no esporte que é feito pelos adultos. Em suma, o problema não está na competição e sim nos adultos que a organizam, estabelecendo normas e regras que valorizam somente os vencedores.

Analisando os golpes de quadril realizados durante as aulas, os mesmos se baseiam em fazer o encaixe do quadril abaixo do quadril do colega, gerando uma alavanca muito eficiente e utilizando menos força, devido ao aumento do torque (DETANICO; SANTOS, 2007). Após o encaixe, o oponente é projetado com as costas realizando o zempo-kaiten-ukemi, a qual foi ensinado e treinado em vários momentos das aulas. Os golpes de quadril são muito utilizados nas lutas de judô. Existem vários golpes de quadril, como exemplo temos o Uki-goshi, O-goshi, Harai-goshi, Koshi-guruma, entre outros.

As próximas atividades priorizadas nas aulas foram brincadeiras/jogos e corrida. É muito importante à presença de brincadeira/jogos nas aulas de judô para criança, ressaltando a palavra, são crianças. Segundo estudos de Greco e Silva (2008), as brincadeiras e os jogos são parte da vida de crianças, independentemente de sua origem. Essas atividades são essenciais para o processo de crescimento e desenvolvimento harmonioso infantil, sejam eles motores, físicos ou psicológicos. O uso da ludicidade em aulas de judô também é definido por Ruffoni (2006) no estudo de Franchini e Del Vecchio (2012), quando este nos mostra que ela é inerente ao ser humano, principalmente na fase da infância, já que a criança aprende através do brincar (da brincadeira), explorando, desconstruindo e reconstruindo o conhecimento. A ludicidade no judô é veículo para a facilitação da aprendizagem dos conteúdos judoísticos, que serão delimitados através dos objetivos determinados pelos alunos e professores (FRANCHINI; DEL VECCHIO, 2012).

Por último, apesar de menos realizado, porém de suma importância e priorizando, mesmo que só em alguns momentos, foi a conversa com os alunos a respeito da disciplina no judô e agressividade. O respeito e a disciplina, segundo Santos (2014), são primordiais para o aprendizado e treinamento do judô. Segundo Kano (2008), acredita-se que com a prática do judô o aluno desenvolve o respeito mútuo e aprende que sem o adversário, que também é seu colega, não tem como se aperfeiçoar. Em outras palavras, o aluno não consegue adquirir maiores experiências de treino realizando sozinho, precisa se aperfeiçoar com a ajuda do colega, é um trabalho mútuo para que haja uma evolução. Aprende também a respeitar cada momento da aula e cada pessoa presente naquela aula de judô, inclusive o “sensei”, que possui todo e maior conhecimento na aula, com objetivo de expandir aquele respeito além da prática e leva-lo para outros lugares da vida cotidiana do aluno.

Dividindo as aulas observadas em objetivos que o professor pretendia alcançar, pode-se verificar que o desenvolvimento motor foi o conteúdo mais presente nas atividades feitas. Segundo Valentini e Petersen (2008), nos programas esportivos é importante que nunca se perca o foco dos princípios pedagógicos, utilizados para auxiliar no ensino-aprendizagem das crianças, princípios estes voltados para o desenvolvimento das capacidades integrais da criança, respeitando as individualidades e potencialidades de todos os executantes. Neste estudo, observou-se que o professor sempre respeitava o limite de cada aluno presente na aula, não exigindo mais do que o aluno conseguia fazer.

Valentini e Petersen (2008) também defendem a ideia de outros autores (GOODWAY, RUDISILL, 1997; HAMILTON, GOODWAY, HAUBENSTRICKER, 1999; VALENTINI, 2002a, 2002b) de que é importante que na iniciação esportiva para crianças, as habilidades motoras fundamentais e as diferentes formas de combinar as mesmas sejam praticadas constantemente dentro de uma evolução temporal. Seefeldt e Haubenstricker (1982) sugerem que, ao refinar as habilidades motoras fundamentais, o indivíduo transpõe a barreira da proficiência motora adquirindo os níveis de habilidades necessários para avançar para práticas mais elevadas de aplicação das mesmas, ou seja, o professor com tais atividades sempre buscava a melhora do desenvolvimento motor dos alunos, buscando sempre melhorar a aptidão dos mesmos buscando uma melhora na saúde.

A maioria das atividades proposta pelo professor era feita em grupos, poucas delas em duplas e nenhuma atividade foi feita em trio. Apesar de o judô ser um esporte individual, esse resultado é bastante positivo em uma aula, pois a atividade em grupo deixa a aula mais dinâmica e a motivação do aluno cresce quando ele não tem que esperar por um determinado tempo para que chegue sua vez de executar a tarefa. Nas atividades em grupo os alunos participam ativamente da aula e dependem da participação de todos para que a atividade aconteça.

Para trabalhar tais atividades com os alunos o professor utilizou em todas as aulas o estilo de ensino tradicional/diretivo, quando o ensino é centrado na figura do sensei, ou seja, a um padrão a ser seguido, e qualquer desvio pode ser considerado um erro. Esse modelo consiste na imitação de gestos (analíticos), demonstrados pelo professor e feito pelo aluno. Costa e Nascimento (2004) defendem que as aulas de abordagem tradicionais têm como principal objetivo a técnica. As abordagens tradicionais são bastante comuns tanto nos treinamentos quanto na realidade educacional. Dentro da abordagem tradicional podemos utilizar de métodos para trabalhar algumas atividades com os alunos, entre eles, o método

parcial, global e misto. Pode-se notar nas aulas observadas que o professor provia do método global na maior parte das atividades propostas, que de acordo com Mesquita (2000), nesse método, a aprendizagem é encarada como a apreensão do todo. O método global pode apresentar uma situação de jogo (luta), onde os elementos técnicos e táticos são evidenciados e o aluno deve reproduzir a técnica em um ambiente pouco controlado (imprevisível), como é o caso da luta. Em algumas atividades foi utilizado o método parcial, comumente utilizado na execução de movimentos complexos que são treinados em partes, as quais serão articuladas quando forem dominadas (WEINECK, 1999 apud COSTA; NASCIMENTO, 2004). Assim, o aluno aprenderia partes da técnica no primeiro momento, porém teria dificuldades de entender o todo naquele momento. Neste estudo, observou-se que apenas depois do domínio das partes da técnica, o professor mostrava para o aluno o movimento/golpe completo.

Durante a parte principal da aula, na maioria das vezes o professor relembrava ou procurava frisar algum princípio filosófico do judô, mais precisamente 67% das vezes teve a presença da filosofia do judô em alguma atividade, desde o mais básico como cumprimentar o colega até a chamada de atenção sobre a necessidade de zelar pelo colega, pois necessitava dele para praticar judô. Acredita-se que com a prática do judô o aluno desenvolve o respeito mútuo e aprende que sem o adversário, que também é seu colega, não tem como se aperfeiçoar. Assim, o aluno não consegue adquirir maiores experiências práticas do judô realizando as atividades sozinho, ele precisa se aperfeiçoar com a ajuda do colega, que também precisa de um companheiro para se aperfeiçoar, enfim, é um trabalho mútuo (KANO, 2008).

Em todas as aulas observadas o professor ao final de cada uma, separava os alunos em duplas e fazia pequenas lutas ou jogos de luta com eles, alternando as duplas e focando nas técnicas que foram aprendidas naquele dia de aula, podendo também realizar técnicas dos outros dias, sempre lembrando e reforçando que o cumprimento com o colega é fundamental na aula de judô. O cerimonial de saudação antes e depois da luta de judô reforça bem o reconhecimento do oponente como um indivíduo que deve ser respeitado (OLIVIER, 2000).

Nesse sentido, Olivier (2000) afirma que deve ser tomado um cuidado quando o professor coloca os alunos para lutar entre eles, sendo que as crianças devem sentir prazer em realizar a atividade. Vale lembrar que o educador tem uma tarefa fundamental de manter intacta a alegria das crianças em confrontar-se, desprezando qualquer sensação de desprazer durante as aulas. Pode-se notar que o professor deixava os alunos lutarem em um pequeno espaço de tempo, apenas para sentirem como é estar em uma situação de luta e colocarem em

prática o que já aprenderam nas aulas, lembrando mais precisamente o que aprendeu na aula daquele dia. Ainda, notou-se que nenhum aluno era obrigado a fazer, só lutava quem queria, e quando se dizia cansado a luta era interrompida, respeitando sempre o limite e motivação do aluno.

Franchini e Del Vecchio (2012) defendem que a aula de judô deve permitir a contribuição integral dos alunos a partir do movimento e relembram, de acordo com conhecimentos de Watson (2011) e Kano (2008), que o maior objetivo e finalidade do judô é a educação do aluno. Santos (2014) coloca a questão do ensinar no seu livro - Judô: buscando o caminho suave - referindo-se a utilizar estilos de ensino criativos que tragam motivação a prática do aluno, contribuindo com as necessidades da criança para o seu desenvolvimento integral.

Após a atividade de luta, na parte final da aula, o professor reunia todos os alunos em grupo em frente à imagem de Jigoro Kano, como a tradição sugere em respeito ao criador da arte marcial, era realizado a saudação final do treino, para que o treino daquele dia se encerrasse com êxito.

5.2 Conhecimentos do judô

A evolução da aprendizagem no judô é representada pela graduação de faixas coloridas que vão de branca a vermelha. O que determina a cor da faixa são conhecimentos teóricos e práticos, que na maioria das vezes, é definido pelo próprio professor (sensei) ou pela Instituição (Federação, Liga, etc.). Dos alunos entrevistados, 67% deles eram graduados com a faixa de cor cinza, 22% com graduação azul e apenas 11% tinham a graduação branca, ou seja, maior parte dos alunos entrevistados era graduada com a cor azul, a maior graduação entre as três faixas que os alunos continham.

Em 1882, percebendo que as pessoas não queriam mais aprender uma arte guerreira, Jigoro Kano advindo da nova cultura em que o Japão estava inserido, decidiu criar seu próprio sistema, um esporte que proporcionava uma nova filosofia, que lhes conferisse uma melhor harmonia entre o corpo e o espírito, e que pudesse integrar os povos com um objetivo maior (SANTOS, 2014 apud MAÇANEIRO, 2012). Assim se deu a criação do judô. Então para saber se os alunos que seriam entrevistados teriam algum conhecimento real sobre a história do judô foram realizadas algumas perguntas. Primeiramente foi perguntado se conheciam algo sobre a luta, e de acordo com as respostas foi concluído que a maior parte dos alunos, quase

todos conheciam algo sobre judô, inclusive sobre os preceitos que existem na filosofia da luta, citados por alguns deles, muito importante na história da luta.

Quatro são os preceitos que podemos relacionar com o judô e com os conhecimentos de Jigoro Kano: Budismo, Xintoísmo, Taoísmo e Confucionismo. Pode-se dizer que o Budismo está incluído no judô quando Jigoro Kano afirmava que o judô era uma forma de educação, que a sua prática era o desenvolvimento da vontade e da moral, bem como autodomínio e autoconhecimento. Já o Xintoísmo está relacionado com o judô na questão hierárquica, fidelidade ao mestre, desenvolvimento do autocontrole, perseverança e a solidariedade. A base do Taoísmo prega a generosidade, o equilíbrio, a humildade e a suavidade, os quais estão presentes em diversos princípios do judô. E por último, o Confucionismo é citado por Jigoro Kano como a forma de educação e a formação de um cidadão, ou seja, um Judoca (SANTOS, 2014). Podemos ver que Jigoro Kano se baseou em muitas filosofias e religiões para a criação da prática de uma das artes marciais mais praticadas no mundo, como fundamentos teóricos que visavam cultivar a evolução do caráter e da moral e preservar o bem-estar de todas as pessoas.

Após o questionamento para os alunos se detinham de algum conhecimento do judô, tendo em vista a citação dos preceitos acima, foi pedido para explicarem o que era “Judô” na concepção deles. As respostas foram nessa ordem de frequência: “o judô é uma luta que ensina a se defender”, “o judô é apenas uma luta”, “judô é o caminho suave” e “o judô é um esporte”. Percebe-se que todas as respostas se enquadram com o significado da arte marcial judô (caminho suave) e/ou esporte. Vale lembrar uma citação de Santos e Silva (2005), onde nos traz a afirmação de que entre todas as artes marciais, o judô se destaca devido aos seus pressupostos filosóficos, o qual foi idealizado visando o desenvolvimento integral do participante. Apesar disso, alguns alunos veem o judô apenas como uma luta/esporte, o que pode ser explicado devido a vários fatores, desde a influência da mídia, que passa o esporte na televisão até divulgações na internet, apenas priorizando a importância da vitória do atleta.

A próxima pergunta foi direcionada ao conhecimento do criador do judô, Jigoro Kano. Todos responderam que conheciam o mestre e sabiam o seu nome. Em 1882, com 22 anos, Jigoro Kano instalou seu primeiro dojô (Escola Kodakan), elaborando o novo método que educava o físico e formava caráter (SANTOS, 2014 apud MAÇANEIRO, 2012). Kano (2008) fez uma análise das melhores técnicas do antigo Ju-Jutsu, selecionou os golpes mais eficazes e mais racionais, eliminou as práticas perigosas, aperfeiçoou a maneira de cair e criou uma vestimenta especial (judogi) (SANTOS, 2014).

Quando questionados se gostavam de praticar judô, todos afirmaram que sim, tendo como motivo a sensação de felicidade no momento da prática, enquanto outros responderam que gostavam, pois aprendem a lutar e a se defender, além de estarem mais dispostos durante o resto do dia. A motivação em praticar um esporte ou uma atividade física na infância está diretamente relacionada à motivação à prática na idade adulta, contribuindo para a saúde e desenvolvimento social das pessoas.

Na sequência, os alunos foram questionados se lembravam de algum dos princípios ou máximas do judô e a maioria dos alunos lembrou de alguma máxima ou princípio criado por Jigoro Kano e alguns não lembraram. Jigoro Kano criou duas máximas e nove princípios importantes que os alunos devem ter conhecimento nas aulas para conseguir levá-los para seu dia-a-dia. As máximas são chamadas de *Seiryoku Zenyo* (máxima eficiência com menor uso de energia) e *Jita Kyoie* (prosperidade e benefícios mútuos). Com o conhecimento da existência de tais princípios, notamos que o judô vai além de um estilo de arte marcial, é um estilo de luta que tem uma filosofia a ser seguido. Além disso, não tem como objetivo final vencer o adversário ou simplesmente realizar uma prática mecânica e sistemática de movimentos, mas sim contribuir para o desenvolvimento do praticante e fazer com que ele contribua com o próximo dentro da sociedade em que está inserido.

Santos (2006, p. 118) faz uma referência ao fato de ser um verdadeiro judoca:

Aprenda esperar no momento certo para agir, aprenda que o importante não é vencer o oponente, mas sim a si próprio, aprenda que o judô deve ser praticado como benéfico para toda a sua vida e não apenas para um período desta, aprenda a respeitar a si e aos outros, aprenda a ser solidário, aprenda a preservar tudo e todos, enfim, aprenda a ser um judoca de essência para que cada dia aprenda um pouco mais para utilizar esse saber para o bem.

A última pergunta foi referente ao local onde nasceu o judô, sendo que de todos os alunos entrevistados, poucos não sabiam onde o judô foi criado. Em 1853, quando os norte-americanos chegaram ao Japão, obrigaram os japoneses a sair do seu regime feudal que era dominado pelos samurais em nome do imperador, que regia o país a mais de 700 anos (SANTOS, 2014). Isso aconteceu para que o Japão entrasse no mercado mundial junto aos outros países, fazendo com que a era dos samurais chegasse ao fim. Nessa época de transição, Jigoro Kano percebendo que as pessoas não queriam mais praticar uma arte guerreira, pois não era mais útil em tempos pós-guerra, ele criou um estilo de arte marcial com princípios e filosofia que tinha como objetivo a prosperidade e o benefício mútuo (KANO, 2008).

5.3 Aspectos sociais e comportamentais

Foi constatado por Olivier (2000) que desde o primeiro ano de escolarização as brigas e as discussões surgem muito cedo entre as crianças, tanto no pátio da escola como dentro da sala de aula. Com isso a violência é inerente às relações sociais, como causa, resultam de múltiplas interações, manifestando-se em circunstâncias precisas como: reação à violência do outro, do meio ambiente, como resposta a um estresse ou a uma frustração, como desejo de impor-se. De acordo com Lopes Neto (2005) o termo “violência escolar” diz respeito a todo qualquer tipo de comportamento agressivo, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, etc. Muitas dessas situações advêm de fatores externos, porém a solução possível pode ser obtida no próprio ambiente escolar. Pensando nisso e na possível influência positiva da prática do judô nesses aspectos, foram realizadas algumas perguntas para os alunos que praticavam judô e que não praticavam (apenas participavam das aulas de educação física escolar) a respeito de aspectos de relacionamento social com os colegas e professores.

A primeira pergunta foi se os colegas de classe tinham alguma importância em suas vidas, e tivemos como resultado que todos os alunos de judô se importavam com os colegas que estudavam junto com eles, enquanto entre os alunos não praticantes de judô, a grande maioria afirmou que sim, se importavam com os colegas. Após essas respostas foi questionado, o porquê de se importar com os colegas. Obtivemos diferentes respostas, sendo que os alunos que praticavam judô responderam, em sua maioria, que devemos nos importar com os colegas de classe, pois todos devem ser educados, todos são amigos, são legais, porque todo mundo tem que se ajudar na aula. Considerando que um dos ensinamentos de Jigoro Kano é a prosperidade e benefícios mútuos, acredita-se que com a prática do judô o aluno desenvolve o respeito mútuo e aprende que sem o colega, não tem como se aperfeiçoar, não tem como aprender sozinho. Nesse sentido, o aluno não consegue adquirir maiores experiências de treino realizando a prática sozinho; precisa se aperfeiçoar com a ajuda do colega, que também precisa de um companheiro para se aperfeiçoar, ou seja, é um trabalho mútuo (KANO, 2008). Parece claro que esse ensinamento de Jigoro Kano aparece nas respostas dos alunos que praticam judô.

Já os alunos que apenas realizam a prática da educação física escolar, ou seja, não praticam judô tiveram as seguintes respostas nessa ordem de frequência: alguns responderam que se importam, pois gostam de ajudar; outros não têm motivo; alguns, pois são amigos, são legais; apenas porque fazem esportes juntos, estudam juntos e alguns responderam que só se

importam com os amigos, com os outros colegas não. Ainda, menor número respondeu que ninguém deve se importar com ninguém. Embora a maioria dos alunos apresente respostas positivas nesse sentido, temos outros que não vem importância no seu colega. Começamos a notar algumas diferenças sutis entre as respostas dos alunos que praticam e dos alunos que não praticam. A presença dos ensinamentos de Jigoro Kano nas respostas dos alunos que praticam judô parece ter uma influência positiva na importância dada aos colegas. Garcia (2005) afirma que as amizades facilitam a adaptação da criança ao ambiente escolar e a aceitação pelos colegas de classe.

A próxima pergunta se refere ao fato de ter entrado em confronto com outro colega da escola ou se já haviam brigado com alguém na sua trajetória escolar. Tivemos como resultado que a maioria dos alunos que praticam judô nunca se envolveu em nenhum conflito em sua vida escolar, e uma parcela pequena já teria entrado em algum conflito verbal ou físico. Dos alunos que não praticam judô notamos uma grande diferença de resultados, onde a maioria já se envolveu em algum conflito verbal ou físico em sua vida. Segundo os estudos de Correa et al. (1998), uma atitude pode ser considerada agressão quando: uma ação é violenta e provocada contra uma pessoa ou contra o próprio, tendo como fins propósitos hostis e destrutivos. Os autores basearam-se também nos estudos de Freud, que afirmou que a agressão é uma “manifestação do comportamento consciente do instinto de morte” e para Adler, “é qualquer manifestação normal ou patológica da vontade de poder”. Ainda, Landini (1998, p. 125), cita a norte americana Clara Thompson em seu livro e escreve que:

à agressão não é necessariamente destrutiva, ela se origina de uma tendência inata para crescer e dominar a vida, que parece ser característica de toda matéria viva. Somente quando essa força vital é destruída em seu desenvolvimento é que os ingredientes da ira, da raiva ou do ódio passam a ser ligados a ela.

Relembramos então uma citação de Santos (2014), onde afirma que o respeito e a disciplina são primordiais para o aprendizado e treinamento do judô. São estas conotações que devem ser passadas para os iniciantes e praticantes, ou seja, mostrar o quanto a prática racional do judô pode ser útil no dia-a-dia. Por outro lado, é preocupante saber que a maioria dos alunos analisados (não praticantes de judô) já tenha se envolvido em conflitos.

Lopes Neto (2005) também fez um estudo referente à violência escolar e concluiu que o comportamento violento, que causa tanta preocupação, resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. Infelizmente, o modelo do mundo fora da escola é reproduzido dentro do ambiente escolar,

fazendo que as instituições em algumas vezes deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde tem violência.

Devido a tais respostas foi perguntado o motivo do conflito para os alunos que responderam sim à pergunta. Os alunos de judô responderam que entraram em conflito porque foram “incomodados” por alguém. Da mesma forma, a maioria dos alunos que não pratica judô respondeu que entraram em conflito devido à provocação e fofocas. Todo conflito verbal ou físico entre as crianças deve ser tratado com cautela e discussão, problematizando as consequências da violência e do perigo que ela pode representar para si mesmo e para o outro (OLIVIER, 2000). Com o judô o aluno aprende a refletir sobre o colega, que o machucando pode ser ruim, como ser machucado também. Desde o primeiro ano de escolarização as brigas e as discussões surgem muito cedo entre as crianças, tanto no pátio da escola como dentro da sala de aula. Com isso, a violência é inerente às relações sociais, como causa, resultam de múltiplas interações, manifestando-se em circunstâncias como: reação à violência do outro, do meio ambiente, como resposta a um estresse ou a uma frustração ou como desejo de impor-se (OLIVIER, 2000). Lopes Neto (2005) nos traz que a escola tem grande significado para as crianças e adolescentes e os que não gostam de estar nela são mais propícios a apresentar um desempenho insatisfatório, comprometimento físico e emocional a sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida. A aceitação pelos companheiros é muito importante para o desenvolvimento da saúde psicológica de crianças e adolescentes, aprimorando sua capacidade social e fortalecendo a capacidade de reação diante de situações de tensão.

Correa et al. (1998) também nos trazem alguns dados de que a violência tem alcançado índices alarmantes na sociedade em que vivemos e atualmente nossa atenção se volta ao papel social em que a escola desempenha. A impressão que temos é que o aluno oprimido começa a acumular alguns sintomas, até o momento em que se sente seguro para reagir e soltar tudo que está guardado em forma de agressão. Na pesquisa feita por Correa et al. (1998) os autores mostram, não como acabar com a agressividade, mas como controlá-la e adequá-la. Acredita-se que a predominância do controle da agressão é fundamentada geralmente por fatores emocionais e sociais. As relações humanas agressivas podem se manifestar em diversas formas de ameaça, como punição, ofensa moral e dor física, delinquência e crime, em casos mais graves.

Na sequência foi questionado sobre o cultivo da amizade e a maioria dos alunos que pratica judô afirmou ter muitos amigos, assim como entre os alunos que não praticam judô todos afirmaram ter muitos amigos. Esse resultado é muito positivo, pois cultivar a amizade é

importante em todas as fases da vida. Garcia (2005) estudando Fordhan e Stevenson-Hinde (1999), afirma que a amizade facilita o ajustamento da criança tímida a escola ao contribuir para elevação da sua autoestima e consequentemente proteção contra solidão e ansiedade, problema decorrente da timidez. Criança com amigos mostra maior grau de ajuste a escola no início e no fim do ano escolar (GARCIA, 2005) e a qualidade positiva das amizades no ambiente escolar geram atitudes mais positivas em relação à escola (ALLES-JERDEL; SCHANEIDER; BOUTRY, 2002 apud GARCIA, 2005).

As próximas perguntas foram relacionadas à percepção de reação das crianças ao perder ou ganhar algum jogo ou brincadeira. Primeiramente foi questionado como se sentem quando perdem, sendo que a maioria dos alunos do judô afirmou que se sente normal, não expressa nenhum tipo de sentimento quando perde algum tipo de jogo/brincadeira, poucos afirmaram se sentirem tristes ou pensam no que erraram para na próxima vez não cometer o mesmo erro. Já entre os alunos que não praticam judô houve diversas respostas diferentes, pois, uma parte respondeu que se sente normal, outros se sentem tristes e alguns se sentem mal, pois não gostam de perder. Com isso, notamos que em situações de derrota os alunos que realizam a prática do judô parecem aceitar melhor a perda do que os alunos que não praticam.

A disciplina e o respeito pelo próximo, segundo Santos (2014), são primordiais para o aprendizado e treinamento do judô. O professor de judô deve ajudar o aluno a desenvolver seu potencial como cidadão. Na sociedade atual, muitas vezes, o aluno não sabe ouvir “não”, e então o professor deve transmitir a mensagem para seu aluno que perder também é algo que acontece, pois a luta ou a vida é assim, ora se ganha e ora se perde; os erros nos ajudam a melhorar (SANTOS, 2014). Princípios judoísticos, como “quando verificares que nada sabes, terá feito teu primeiro progresso na aprendizagem” ou “o judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar” nos ajudam a entender que perder é algo inerente a nossa vida, mas, sobretudo que devemos ter humildade e persistir no que acreditamos.

Analisando as respostas sobre a percepção dos alunos quando ganham um jogo/brincadeira tivemos que a maioria dos alunos que praticam e que não praticam judô afirmaram que se sentem felizes pela vitória. Alguns alunos que não praticam judô também responderam que se sentem felizes porque ganharam e tristes porque o colega perdeu. Esse achado mostra que mesmo com os resultados anteriores de brigas escolares e talvez a baixa importância com o outro, muitos dos alunos ainda assim, se importam com o sentimento do colega. Parece que alguns alunos se preocupam com a sensação que o outro está sentindo com a derrota no jogo/brincadeira.

Foi questionado também se os alunos ajudavam os professores e colegas quando eles precisavam de ajuda. A maior parte dos alunos que pratica judô afirmou que sim, sempre ajuda e uma pequena parte afirmou que ajuda às vezes, dependendo da situação. Já no caso dos alunos que não fazem judô, um pouco mais da metade afirmou que ajuda sempre e menos que a metade afirmou que depende da situação, ajuda às vezes. O ato de auxiliar ou ajudar alguém que precisa está relacionado à solidariedade, que é algo importante a ser trabalhado com as crianças. Especificamente no judô está ligado à segunda máxima “benefício mútuo” ou ao princípio “o judoca é que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam e paciência para ensinar o que aprendeu aos seus semelhantes”. Kano (2008) nos traz que a partir do momento em que conseguimos usar nossa energia de maneira eficiente (primeira máxima), é obrigação do judoca contribuir com o próximo e com a sociedade em que está envolvido. Garcia e Pereira (2008) descrevem o estudo de Newcomb e Bagwill (1995), o qual concluiu que amigos se envolvem com mais frequência em interações positivas, incluindo conversa e cooperação, além de demonstrar um afeto positivo maior que não-amigos, consideraram então, que desse comportamento, possivelmente, é uma consequência da maior proximidade, interesse e preocupação mútua entre amigos, indicando um laço distinto.

O próximo questionamento é sobre o que é mais importante em um jogo coletivo. Os alunos que praticam judô, em sua maioria, responderam que o mais importante é aprender e estar junto dos amigos. Já os alunos que não praticam judô, tiveram respostas diferentes, a maior parte dos alunos respondeu que o maior objetivo de um jogo coletivo é ganhar e outros alunos responderam que se divertir é importante. Notamos o direcionamento das respostas de ambos os grupos de alunos, onde a maioria dos alunos que praticam judô respondeu que no jogo coletivo e bem-estar do outro é de total importância no momento, e em nenhum momento foi frisado o ganhar/vencer. Segundo Santos (2014), com a prática do judô o aluno deve ser ensinado ao máximo a utilizar a energia mental e física da maneira mais eficaz. Esse princípio não é visto como proveitoso apenas na prática da arte marcial, mais sim em todas as situações e circunstâncias da vida.

Por último foi questionado aos alunos qual sua tomada de decisão quando é feito com ele brincadeiras da qual não gosta. Pouco mais da metade dos alunos que praticam judô responderam que quando essa situação acontece, conta para o(a) professor(a) o que aconteceu e deixa que ele se encarregue da situação, outros não sabem como reagir. Já com os alunos que não praticam judô, tivemos na maior parte das respostas que em situações que o colega realiza brincadeiras que ele não gosta, parte para a agressão física, seguido por “gritar” e

outros dizem que contam a situação para o professor. Olivier (2000) defende a ideia de que toda a regulação das trocas violentas entre as crianças será mais bem-feita à medida que elas refinarem a percepção das consequências da violência, do perigo que ela pode representar para si mesmo e para o outro (OLIVIER, 2000). Com o judô o aluno deve aprender a refletir sobre o colega, que machucá-lo pode ser ruim, como ser machucado também.

O potencial agressivo pode, em alguns momentos, ser importante para o amadurecimento da criança, desde que controlado e trabalhado adequadamente. Correa et al. (1998) acreditam que a canalização da agressividade é o melhor caminho para a criança extravasar seu descontentamento e passar a manifestar a agressividade de forma positiva. A agressividade está na constituição da violência, mas a violência não está só na criminalidade exposta ao nosso dia-a-dia, está presente também no interior da família, na escola, na política, na rua, na saúde, etc. A violência é um fato social, onde não podemos nos acomodar achando que nada podemos fazer e nem a considerar normal (CORREA et al., 1998). Precisamos amenizar estes efeitos nas famílias primeiramente, e, nas escolas, que são instituições primárias da vida da criança e que temos acesso. A desinformação dos professores de como trabalhar com a agressividade dos alunos pode atrapalhar e até mesmo impedir a escolarização da criança. Contudo, Santos e Silva (2005) nos trazem a afirmação de que entre todas as artes marciais, o judô se destaca devido aos seus pressupostos filosóficos, o qual foi idealizado visando o desenvolvimento integral do participante. Já Franchini e Del Vecchio (2012) defendem que a aula de judô deve permitir a contribuição integral dos alunos a partir do movimento e, relembram, de acordo com conhecimentos de Watson (2011) e Kano (2008) citando os mesmos, que o maior objetivo e finalidade do judô é a educação do aluno.

Por fim, pode-se destacar algumas limitações desse estudo, como o fato da amostra ser escolhida intencionalmente em apenas uma escola, ou seja, esses resultados não podem ser extrapolados a outras escolas ou crianças de diferentes faixas-etárias, níveis socioeconômicos diferentes ou realidades culturais diferentes das analisadas na presente investigação.

6 CONCLUSÕES

Considerando a observação das aulas de judô, pode-se concluir que as atividades de rastejo e rolamento, assim como ukemis (amortecimento de quedas) foram as mais realizadas durante as aulas. O objetivo (conteúdo) mais frequente durante as aulas foi voltado à melhora do desenvolvimento motor, aquecimento e aprendizagem do ukemi. A maior parte das aulas foi desenvolvida em grupos e com a participação de todos. O estilo de ensino mais frequente foi o diretivo com utilização juntamente dos métodos global e parcial. Aspectos filosóficos do judô foram trabalhados durante as aulas, seja em forma de saudação ou conversas com os alunos, com tema voltado a agressividade em alguns momentos.

Analisando o conhecimento do judô por parte dos praticantes, pode-se concluir que a maioria dos alunos tinha algum conhecimento sobre o histórico sobre o judô (criador, local de criação e significado), porém, poucos souberam descrever algum princípio filosófico ou máxima do judô.

Considerando as atitudes sociais e comportamentais entre os alunos que praticam e não praticam judô, pode-se concluir que ambos têm muitos amigos e se importam com o colega por amizade ou coleguismo. No entanto, os alunos que não praticam judô, em sua maioria, já entraram em algum tipo de conflito verbal ou físico com outro colega, diferentemente dos praticantes. Com relação à percepção de perder ou ganhar um jogo ou brincadeira, os praticantes de judô parecem se sentir indiferentes com a derrota, enquanto os alunos não praticantes parecem sentir-se indiferentes ou tristes. Já o sentimento ao ganhar um jogo/brincadeira de ambos os grupos foi igual, pois afirmaram sentirem-se felizes com a vitória. Os alunos que praticam judô parecem ser mais solidários que os alunos que não praticam, pois afirmaram que o grupo é importante no jogo coletivo, enquanto os alunos não praticantes frisaram mais a vitória. Por último, os alunos de judô em sua maioria relataram buscar a ajuda de um adulto (professor) para resolver problemas que ocorrem na aula, enquanto os demais alunos afirmaram que preferem resolver por meio da agressão verbal ou física.

De modo geral, as crianças praticantes de judô apresentaram uma influência positiva da modalidade nos aspectos sociais e comportamentais, no que diz respeito ao controle da agressividade, solidariedade (com colegas e professores) e cooperação. Essa influência foi ratificada pela observação das aulas e pelos questionamentos sobre o conhecimento do judô realizado com esses alunos. Porém, o fato das crianças se sentirem observadas durante as

aulas pode ter influenciado seus comportamentos. Apesar dos questionamentos (entrevista) terem sido realizados individualmente, pode ter ocorrido alguma influência dos demais colegas para ambos os grupos praticantes e não-praticantes de judô.

Por fim, sugere-se que sejam realizados estudos que busquem investigar não somente a influência da prática do judô no comportamento social, mas que sejam propostas estratégias de intervenção nas escolas com o intuito de problematizar e discutir questões de violência e agressividade na sociedade atual.

7 REFERÊNCIAS

ADALBERTO, F. **Semelhanças entre o budismo e o cristianismo: contribuições Eumênicas do Oriente para o Ocidente.** (2005), (Faculdade de Educação Teológica do Nordeste). FAETEN, Universidade do Vale do Acaraú, Maranguape, CE, 2005.

ALENCAR, YO; SILVA, LH; LAVOURA, TN; DRIGO, AJ. As lutas no ambiente escolar: uma proposta pedagógica. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 23, n. 3, 2015, p. 53-63.

ÁVILA, Rafael. **Como fazer média, mediana e desvio padrão no Excel.** Disponível em: <<https://blog.luz.vc/excel/como-fazer-media-mediana-e-desvio-padrao-excel/>>. Acesso em: 17 set. 2017.

CASADO, J.E.; VILLAMON, M. La Utopía Educativa de Jigoro Kano: El Judo Kodokan. **Revista de História do Esporte**, Santa Cruz, Espanha, v. 2, n. 1, p.1-40, jun. 2009.

CORREA, Darcy José et al. A agressividade infantil e sua manifestação na escola. **Educação & Linguagem: Revista do centro de ciências da educação da universidade metodista de São Paulo**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.121-130, jan. 1998.

COSTA, Elis Regina da. Compreendendo Relações entre Estratégias de Aprendizagem e a Ansiedade de Alunos do Ensino Fundamental de Campinas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Campinas, v. 1, n. 17, p.15-24, jun. 2004.

COSTA, Luciane Cristina Arantes da; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. O ensino da técnica e da tática: Novas abordagens metodológicas. **Revista da Educação Física: UEM**, Maringa, v. 15, n. 2, p.49-56, set. 2004.

DAVILA, Victor Hugo Lachos Lachos Davila. **Estatística Descritiva.** Disponível em: <<http://www.ime.unicamp.br/~hlachos/estdescr1.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2016.

DETANICO, D., SANTOS, S. G. A Relação Entre a Proporcionalidade Corporal do Judoca e sua Técnica de Preferência (tokui-waza). **Revista Brasileira de Ciência e Movimento** v. 15, n.3, p. 15-24, 2007.

FLORES, L.L.O. **Análise do ensino-aprendizagem do judô para crianças em diferentes locais de prática na cidade de Florianópolis. Trabalho de Conclusão do Curso** (Curso de Graduação em Educação Física), Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

FRANCHINI, E.; DEL VECCHIO, F. **Ensino das lutas: reflexões e programas de propostas.** São Paulo: Scortecci, 2012.

GALLAHUE, D.L; DONELLY, F.C. **Developmental physical education for all children.** 4ª edição. Champaign, IL: Human Kinetics, 2003.

GALATTI, Larissa Rafaela et al. Pedagogia do esporte e competição infantil: Análise e proposições a partir do Karatê de contato. **Movimento e Percepção**, v. 8, n. 11, p.168-185, 08 abr. 2016.

GARCIA, Agnaldo; PEREIRA, Paula Coimbra da Costa. Amizade na infância: Um estudo empírico. **Psic: Revista da Vetor Editora**, São Paulo, v. 9, n. 1, p.1-7, jun. 2008.

GARCIA, Agnaldo. Psicologia da amizade na infância: Uma revisão crítica da literatura recente. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 2, n. 9, p.285-294, jun. 2005.

GARCÍA GARCIA, José Manuel et al. **Judo** – Juegos para la mejora del aprendizaje de las técnicas. Espanha, Paidotribo, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo; DELANI, Luciane. **Métodos de pesquisa**. Série Educação à Distância, Porto Alegre, 2009.

GONDIM, Denis Foster. **Aspectos metodológicos aplicados ao ensino do judô para crianças**. 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11283209-Aspectos-metodologicos-aplicados-ao-ensino-do-judo-para-criancas.html>>. Acesso em: 17 out. 2017.

GRECO, Pablo Juan; A SILVA, Siomara. A metodologia de ensino dos esportes no marco do programa segundo tempo. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; PERIM, Gianna Lepre. **Fundamentos pedagógicos para o programa segundo tempo: 1º Ciclo Nacional de Capacitação dos Coordenadores de Núcleo**. Brasília: Luciane Delani, 2008. p. 1-296.

KANO, J. **Energia mental e física: escritos do fundador do judô** (Tradução BULL, W). São Paulo: Pensamento, 2008.

LANDINI, José Carlos. **Do animal ao humano: Uma leitura psicodramática**. São Paulo: Ágora, 1998. 165 p.

LOPES NETO, Aramis A.. Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatra: Sociedade Brasileira de Pediatra**. São Paulo, p. 164-172, 2005.

MESQUITA, Chuno Wanderley. **Identificação de incidências autoritárias existentes na prática do Judô e utilizadas pelo professor**. Dissertação de Mestrado: UFRJ, 1994.

NUNES, Alexandre Velly. **História do Judô: A introdução do Judô no Brasil**. 2016. Disponível em: <http://www.cbj.com.br/historia_do_judo/>. Acesso em: 25 out. 2017.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; PERIM, Gianna Lepre. Fundamentos pedagógicos para o programa segundo tempo: 1º ciclo nacional de capacitação dos coordenadores de núcleo. **Ministério do Esporte**, Brasília, v. 1, n. 1, p.1-296, 24 set. 2008.

OLIVIER, Jean-Claude. **Das brigas aos jogos com regras: Enfrentando a indisciplina na escola**: Porto Alegre, 2000.

PAES, Roberto R. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**. 3ª ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

PERES, Luís Sérgio. Fundamentos do processo ensino: Aprendizagem dos esportes na escola. **Caderno de Educação Física: M. C. Rondon, Cascavel**, v. 3, n. 2, p.137-143, 2001.

SANTOS, M.C.C.L. Raízes da violência na criança e danos psíquicos. **Revista da Faculdade de Direito da USP**, v. 96, n.1, 2001. p.189-204.

SANTOS, Saray Giovana dos. **Judô: Buscando o caminho suave**. Florianópolis: Duplic Gráfica e Editora, 2014. 140 p.

SANTOS, Saray Giovana dos. Judô: onde está o caminho suave. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desenvolvimento Humano**, Florianópolis, v.8, n.1, p.114-119, 10 mar. 2006.

SANTOS, S.G.; FIORESE, U.O.C. Estudo sobre a aplicação dos princípios judoísticos na aprendizagem do judô. **Revista da Educação Física/UEM**, v.1, n.2, p.11-14, 1990.

SEEFELDT, V.; HAUBENSTRICKER, J. Padrões, fase ou etapas: Um modelo analítico para o estudo do movimento desenvolvimentista. In: J.A.S. Kelso e J.E. Clark (Eds.). **O desenvolvimento de controle de movimento e coordenação**. Nova York, NY: John Wiley & Sons, 1982, p. 309-318.

SILVA, Daiane; SANTOS, Saray Giovana dos. Princípios filosóficos do judô aplicado à prática e ao cotidiano. **Lecturas Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 4, n. 1, p.1-4, 2005.

SILVA, S.G.; MINATO, G.; FARES, D.; SANTOS, S.G. Caracterização da pesquisa. In: SANTOS, S.G. (org). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Quantitativa Aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011, p. 67-70.

SILVA, Marcos Noé Pedro da. **Frequência: Relativa e Absoluta**. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/matematica/frequencia-relativa.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2017.

VALENTINI, Nádia Cristina; PETERSEN, Ricardo D. S.. Aquisição e desenvolvimento de habilidades esportivas: Considerações para a prática. In: OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de; PERIM, Gianna Lepre. **Fundamentos pedagógicos para o programa segundo tempo**. Brasília: Luciane Delani, 2008. p. 1-296.

WATSON, Brian N. **Memórias de Jigoro Kano: O início da história do judô**. São Paulo: Cultrix, 2011.

8.2 APÊNDICE 2

8.2.1 Entrevista

8.2.2 Dados de identificação

Código: _____

Sexo

() Masculino () Feminino

Idade (anos): _____

Pratica judô:

() Sim () Não

Se sim, há quanto tempo? _____

Possui graduação de faixa?

() Sim. Qual? _____ () Não

Pratica outro esporte?

Qual? _____ Há quanto tempo? _____

Conhecimento geral do judô

1. Você sabe o que é judô? Explique.

2. Você sabe quem é Jigoro Kano?

3. Você gosta de praticar judô? Por quê?

4. Você sabe algum dos princípios do judô? Qual(is)?

5. Você sabe o país onde o judô nasceu?

Aspectos sociais e comportamentais

6. Você se importa com os colegas que estudam com você? Por quê?

7. Você já gritou ou brigou com o professor ou colega porque ele não fez algo que você queria? Explique

8. Você tem muitos amigos?

9. Como você se sente quando você perde um jogo ou uma brincadeira?

10. Como você se sente quando ganha um jogo ou uma brincadeira?

11. Você ajuda seu professor e colegas quando eles precisam?

12. Em um jogo coletivo (futebol, handebol, etc), o que é mais importante para você?

13. Quando seu colega faz brincadeiras que você não gosta, o que você faz?
